

VÁRZEA GRANDE

História e tradição

© José Wilson Tavares, 2011.

É proibida a reprodução ou transmissão desta obra por qualquer meio, sem a prévia autorização do autor.

Direitos reservados para o autor, protegidos pela Lei 9610/98.

A originalidade dos artigos e as opiniões emitidas são de inteira responsabilidade de seu autor.

MARCAS REGISTRADAS:

A KCM Editora & Distribuidora resguardou as titularidades das marcas registradas e de suas respectivas proprietárias ao fornecer informações sobre nomes de empresas, produtos e serviços citados nesta publicação.

T231v

Tavares, José Wilson.

Várzea Grande: História e Tradição./ José
Wilson Tavares. Cuiabá: KCM Editora, 2011.

158 p.; 21,0 x 29,7 cm.

ISBN 978-85-7769-105-0

1. Várzea Grande – Mato Grosso. 2. Várzea
Grande – História. I. Título.

CDU 94(817.2)

Para adquirir A Obra Completa faça contato com o autor:

Fones: 55 (00) 65-9606-5410 ou 8402-6423 – Várzea Grande – Mato Grosso – Brasil

E-mail: bonsucessomt@terra.com.br

Apresentação

Várzea Grande História e Tradição, é a preocupação e busca do historiador que, desde os tempos memoráveis em que freqüentamos a UFMT, sempre demonstrou um profundo interesse pela história de Mato Grosso. Embora seja natural do estado do Paraná, não me causa surpresa que ele traga a lume, neste momento, tão relevante obra abordando a formação histórica do município de Várzea Grande.

A idéia de tornar este trabalho público fora oportunizado a partir de uma palestra proferida por ele no auditório da maçonaria, após a qual foi efusivamente incentivado pelos seus membros por descortinar-lhes o passado várzea-grandense com tamanha desenvoltura. A partir de então, Tavares intensificou a pesquisa em busca de documentos e fontes históricas diversas para compor este amplo painel que abrange os quase cento e cinquenta anos contados desde sua fundação. Trilhou caminhos tortuosos, como as estradas boiadeiras que nos primórdios interligavam as localidades de Cuiabá, Livramento e Poconé. Com paciência, bebeu em fontes diversas. Colheu depoimentos para, enfim, tal quais os índios Guanás, criadores das famosas redes cuiabanas, tecer com maestria a presente obra.

A História concebida por Tavares abrange tanto o papel desempenhado pelas massas quanto pelas elites, pois nos conta tanto as ações empreendidas pelas lideranças políticas quanto o comportamento de seus habitantes diante dos fatos. Tavares segue as pegadas de Carlo Ginzburg ao destacar a importância da abordagem micro-histórica. Assim, por exemplo, quando descreve a origem de logradouros tradicionais como Bonsucesso, Passagem da Conceição e Praia Grande, relata o cotidiano das famílias que primeiro neles se estabeleceram.

Fala da chegada dos bandeirantes. Destaca a importância das estradas boiadeiras, a relevância que teve Várzea Grande na formação histórica de Mato Grosso como acampamento de prisioneiros paraguaios durante a guerra da Tríplice Aliança. Aborda passagens eufóricas como a emancipação política do município em 1948, mas também relata momentos de tensão como a enchente ocorrida na cidade em 1974.

Em suma, o que esta obra tem de mais importante é a contribuição no campo da pesquisa escolar (ou acadêmica) para um assunto tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão carente de publicações de fôlego, pois traz registros históricos importantes para que as novas gerações tenham acesso e possam conhecer a história de Várzea Grande, sua grandiosidade, seus habitantes e seu passado. Espero que a leitura da presente obra possa despertar o desejo pelo conhecimento da história e da cultura de nossa gente. Fica, por fim, a expectativa de que com o maior conhecimento sobre o passado, a juventude seja capaz de projetar e promover o desenvolvimento da nossa cidade em benefício das futuras gerações várzea-grandenses.

Edenilson José de Moraes

Historiador pela UFMT e Docente da Rede Pública de Ensino.

Os primeiros Habilitantes

Os primeiros habitantes destas terras e legítimos proprietários pela posse e uso destas, dentre as tantas etnias silvícolas que aqui habitaram no passado, encontramos a grande **Etnia Guanús**, composta por diversos grupos, contando com uma população em torno de cinco a seis mil membros, bastante unidas em seus aldeamentos, ocupando as proximidades de onde hoje se localiza Corumbá (antigo: Albuquerque), na margem direita do rio Cuiabá, em áreas da atual Várzea Grande,



Desenho de Hercule Florence de 1827, retratando Índias Guanús.

sul de Nossa Senhora do Livramento, cercanias de Santo Antonio do Leverger. Eram definidos como silvícolas pacíficos e hospitaleiros, os quais mantiveram contatos comerciais com os brancos até meados do século XIX. Sua religião já havia sofrido a influência do cristianismo católico, pois era uma mescla de catolicismo grotesco, não sendo nem cristão e nem

pagão, tendo um culto onde eram batizados e suas práticas não tinham nenhuma relação com outras religiões de etnias selvagens existentes.

A prática da economia de subsistência estava ligada ao cultivo da terra e ao comércio de troca. Por um curto período entre os séculos XVII e XIX, foram fornecedores da região do Cuiabá, das redes grosseiras e da carne, muito apreciada pelos aventureiros nesta região, os quais passaram a criar gado na região um pouco pantanosa, que abrangia áreas de Praia Grande e do sul de Nossa Senhora do Livramento.

Esta etnia silvícola, diferente de outras como o Coxiponés e os paiaguás, aguerridos e agressivos contra o processo de ocupação, contratavam com os brancos toda espécie de serviços possíveis, sendo os Guanús especialistas em

navegação em pirogas no rio Cuiabá, onde foram canoieiros hábeis e laboriosos. Os Guanás eram sábios em fiar, tecer e tingir o algodão com que fabricavam redes, da qual deu origem às famosas redes conhecidas nesta região que erroneamente chamada somente de “rede cuiabana”, depreciando a produção que havia e há em terras varzeagrandense, as quais podemos chamar de Rede Varzeagrandense a qual tem sua gênese rústica desenvolvimento nesta nossa região varzeana.

“Os Guanás moram na margem do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d'África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão, além de redes e cintas. Indústrias vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. Grande parte deles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a três vinténs por dia além do sustento, ou então entregavam à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá. (Florence, 1977. p 103-106)”.

A etnia guanús da qual os **Guanás ou guanazes** foram os mais famosos, fora a precursora da indústria manual de Várzea Grande (as redes e a cerâmica rude), vocação esta até hoje cultuada, porém não muito mais gloriosa que seu recente passado, dado a falta de investimentos e atualização necessária para a melhor competir no exigente mercado deste século XXI.

Estes habitantes viveram pouco depois da ocupação da região do Cuiabá, com a busca gananciosa de ouro por esta região, na qual só ocorreram pequenas veias auríferas de faíscação, seguida da abertura de estradas boiadeiras e a ocupação pelo povoamento da região, fizeram com que este pacífico povo silvícola, fossem miscigenados e posteriormente deslocados para as regiões pantaneiras rios abaixo, onde com a instalação das famosas Usinas açucareiras e das fazendas de gado, foram absorvidos, ocorrendo a sua extinção definitiva, não tendo mais nenhum descendente puro nesta região.

Hercules Florence¹, membro da Expedição de Georg Heinrich Von



Desenho de Hercules Florence Mulher Xamacoco

Langsdorff, naturalista alemão entre os anos de 1821 a 1829, descreve um dos grupos da etnia Guanus, os Xamacocos “Dela fazia parte o grupo denominados Xamacocos, que Hercules Florence em 1827, como membro de uma expedição, disse trata-se de índios que viviam entre os guanazes, mas que atravessavam o rio em suas pirogas e vinham trabalhar em Cuiabá como servente entre os negros e nos

serviços nas residências” também deste ramo dos guanus não restam remanescentes.

“A expedição Langsdorff foi financiada pelo governo russo como tentativa de colher mais informações sobre um país muito explorado, mas pouco conhecido. Acompanhado ainda do botânico alemão Luiz Riedel, do desenhista Amado Adriano Taunay, do astrônomo e oficial da Marinha Russa Nestor Rubtsov, além do Barão de Langsdorff e do pessoal contratado para trabalhos menos “científicos”,

¹ Citado por Ubaldo Monteiro in: VÁRZEA GRANDE passado e presente confrontos – 1867-1987 – Cuiabá-Mt. Editora: Policromos Editora Gráfica - P 17.

Hércules Florence saiu do Rio de Janeiro em 1825. O itinerário da expedição incluía passagens pelo que hoje conhecemos como São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso... ”²

² A publicação do relato de Hércules Florence na revista do IHGB com o nome “Viagem Fluvial pelo Interior do Brasil – de 1825 a 1829” com tradução e introdução do Visconde de Taunay, reflete a importância que seu trabalho já havia adquirido ainda no século XIX, o IHGB foi um importante órgão preocupado com o forjamento de uma identidade nacional.

A Origem da Ocupação

O processo de ocupação desta região ocorreu na primeira metade do século XVIII, com o avanço realizado para além da fronteira oeste, a partir de um paralelo traçado pelo Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha, sendo que as terras que ficassem ao lado oeste pertenceriam ao Governo espanhol e a leste ao Governo português. O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha em 07 de Junho de 1494, oficializou a divisão do mundo por linhas imaginárias entre os Estados dos tempos modernos.

Os responsáveis por este avanço além fronteira foram os bandeirantes paulistas, com o objetivo de aquisição de mão-de-obra barata, uma vez que o tráfico negreiro já sofria restrições, o que tornava a atividade muito onerosa, constituindo a prisão de indígenas como uma alternativa vantajosa, por não ocasionar custos elevados. Os bandeirantes faziam estas longas expedições, com este único e exclusivo interesse, afinal, o comércio de escravos indígenas era lucro garantido para seus capturadores.

No século XVII, São Vicente (onde hoje está o estado de São Paulo) era uma capitania pobre, quando comparada às da Bahia e de Pernambuco. Não havia nela nenhum produto de destaque para exportação. A economia era baseada em agricultura de subsistência: milho, trigo, mandioca. Vendia alguma coisa para o Rio de Janeiro, e só. A cidade de São Paulo não passava de um amontoado de casebres de gente pobre. Mas tinha a vantagem de ser uma das poucas vilas Brasileiras que não se localizam no litoral. Partindo dela fica mais fácil entrar nas florestas. Pois foi exatamente por isso que a maioria dos bandeirantes saiu de São Paulo. Tornar-se bandeirante era uma chance para o paulista melhorar de vida...Os comandantes usavam roupas novas e botas de couro, para se protegerem de picada de cobra. Os homens livres e pobres tinham roupas velhas e pés descalços. Todos eles armados. Também fazia parte da bandeira um grupo de índios já submetidos pelos colonos. ...Eles se embrenhavam na floresta tropical fechada e rios agitados, indo a lugares muito distantes de qualquer cidade colonial. Mas o objetivo deles não era nada heróico: eles eram

caçadores de índios. ...Os bandeirantes atacavam impiedosamente as aldeias indígenas. Matavam todo mundo que atrapalhasse inclusive as crianças. Depois acorrentavam os índios e os levavam como escravos.³

... a cana-de-açúcar não obteve êxito, sendo que seus colonos resolveram se dedicar a outras atividades, como foi o caso da Capitania de São Paulo que, ao lado da agricultura de subsistência, optou por traficar, não escravos africanos, mas sim índios, necessários às capitanias que não desenvolveram com sucesso o plantio da cana-de-açúcar e o fabrico da açúcar. Dessa forma, os paulistas criaram o movimento das bandeiras. ...Nesse movimento, os bandeirantes acabaram descobrindo ouro, em primeiro lugar, em terras que hoje pertencem ao estado de Minas gerais e, mais tarde, nas de Mato Grosso e de Goiás. Com esse movimento, os bandeirantes paulistas estavam, sem querer, aumentando o território colonial, pois essas novas terras descobertas, segundo o tratado de Tordesilhas, fixado em 1494, antes mesmo da descoberta do Brasil, não pertenceriam a Portugal, mas sim à Espanha. O Rei Lusitano, vendo que os bandeirantes estavam alargando as fronteiras de sua Colônia, povoando esses territórios e descobrindo metais preciosos (ouro e diamante), resolveu apoiá-los e incentivá-los nesse movimento.⁴

A bandeira de Antônio Pires de Campos atingiu a região do rio Coxipó-Mirim e ali ocorreu uma guerra, e aprisionaram os índios Coxiponés, que reagiram, travando um intenso combate com os paulistas. Logo atrás dessa bandeira, seguiu-se outra, capitaneada por Pascoal Moreira Cabral que, desde 1716, já palmilhava terras mato-grossenses sabendo ele da existência de índios, resolveu seguir para o mesmo local, onde havia um acampamento chamado São Gonçalo. Exaurida pelas lutas travadas, a bandeira de Moreira Cabral resolveu arrancar-se às margens do rio Coxipó-Mirim e, segundo nos conta o mais antigo cronista, Joseph Barboza de Sá, descobriram casualmente ouro, quando lavavam os pratos na margem daquele rio. Para garantir tranqüilidade no local, Pascoal Moreira Cabral resolveu pedir reforços às bandeiras que se encontravam na região. Chegou então ao Arraial de São Gonçalo a bandeira de Fernão Dias Falcão, composta de 130 homens de guerra, que passaram a auxiliar nos trabalhos auríferos.

O fato de terem os bandeirantes paulistas, encontrado ouro mudou o rumo de sua marcha, pois ao invés de continuarem caçando os índios, terminaram por fixar-se na região, construindo casas e levantando capelinha. Esse primeiro

³ Schmidt, Mario Furley – Nova História Crítica – São Paulo – ed. Nova Geração – 1999. p 264.

⁴ Siqueira, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997. p. 10-11.

povoamento denominou-se São Gonçalo Velho.

Em 1719, em São Gonçalo Velho, a 08 de abril, Moreira Cabral lavra a Ata de Fundação do Arraial do Senhor Bom Jesus. Dois anos depois o arraial foi mudado para o rio Coxipó, uma vez que a população mineira começou a perceber que o ouro estava escasseando, e resolveu mudar para outro local denominado Forquilha, também no rio Coxipó-Mirim. Ali levantaram novo acampamento, ergueram outra capela e deram continuidade aos trabalhos de mineração.

Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove anos, neste Arraial do Cuiabá, fez junto o Capitão-Mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França, depois que foi o nosso enviado, o Capitão Antônio Antunes com as amostras que levou do ouro ao Senhor General. Com a petição do dito capitão-mor, fez a primeira entrada aonde assistiu um dia e achou pinta de vintém e de dois e de quatro vinténs a meia pataca, e a mesma pinta fez na segunda entrada em que assistiu, sete dias, ele e todos os seus companheiros às suas custas com grandes perdas e riscos em serviço de Sua Real Majestade. E como de feito tem perdido oito homens brancos, foros e negros e para que a todo tempo vá isto a notícia de sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e, por assim, por ser verdade nós assinamos todos neste termo o qual eu passei bem e fielmente a fé de meu ofício como escrivão deste Arraial. Pascoal Moreira Cabral, Simão Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Garcia Velho, Baltazar Ribeiro Navarro, Manoel Pedroso Lousano, João de Anhaia Lemos, Francisco de Sequeira, Asenço Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antônio Ribeiro, Alberto Velho Moreira, João Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antônio Garcia Velho, Pedro de Godois, José Fernandes, Antônio Moreira, Inácio Pedroso, Manoel Rodrigues Moreira, José Paes da Silva. (BARBOZA de SÁ, 1975, p. 18).

Nesse dia, os bandeirantes fixados no Arraial de São Gonçalo, elegeram um chefe chamado Guarda-Mor e o escolhido por eleição, foi Pascoal Moreira Cabral.

Em 1722, o bandeirante Miguel Sutil chegou à zona mineira com o objetivo de verificar o estado de uma roça que havia plantado às margens de outro rio, o Cuiabá. Como ele e seus companheiros estavam famintos mandou Sutil que dois índios saíssem à cata de mel. Os índios se demoraram muito e, quando chegaram, ao invés de mel, trouxeram ouro em pequenos folhetos “caeté”. Como já era quase

noite, Miguel Sutil deixou para o dia seguinte, verificar pessoalmente onde se localizava a nova mina. Situava-se às margens de um córrego, braço do rio Cuiabá - Córrego da Prainha.

As notícias do novo descobrimento aurífero foram enviadas para a Capitania de São Paulo, da qual essas terras faziam parte. Com isso, um grande fluxo migratório chegou à região, visando o enriquecimento e o estabelecimento de roças que pudessem fornecer alimentos à população.

A "boa nova" se espalhou rapidamente entre os pequenos arraiais de São Gonçalo e da Forquilha, ocasião em que, impressionados pelo volume aurífero que diziam conter essa mina, seus habitantes abandonaram os dois núcleos iniciadores do povoamento da região, dando início a outro núcleo urbano, que são as origens da atual cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A notícia foi levada para São Paulo e de lá se espalhou por outras capitanias, chegando até Portugal, o que provocou, em pouco tempo, um aumento da população, que passou a disputar palmo-a-palmo os terrenos auríferos.

Em 1º de janeiro de 1727, o Arraial do Senhor Jesus do Cuyabá, recebeu o foro e foi elevado à categoria de vila, para a se chamar Vila Real do Senhor Bom Jesus por ato do Capitão General de São Paulo, Dom Rodrigo César de Menezes. Em 17 de setembro de 1818, por Carta Régia de D. João VI, a vila do Cuiabá é elevada à categoria de cidade.

A presença do governante paulista nas Minas do Cuiabá ensejou uma verdadeira extorsão sobre os mineiros, numa obsessão institucional pela arrecadação dos quintos de ouro. Esses fatos somados à gradual diminuição da produção das lavras auríferas fizeram com que os bandeirantes pioneiros fossem buscar o seu ouro cada vez mais longe das autoridades cuiabanas.

Com esse movimento, novas minas foram descobertas, como as Lavras dos Cocais, em 1724, às margens do ribeirão do mesmo nome (atual Nossa Senhora do Livramento), distante 50 km de Cuiabá. Os descobridores do novo vieram auríferos, foram os sorocabanos Antonio Aires e Damião Rodrigues. Em pouco tempo, o pequeno arraial foi integrado por outros mineiros que, igualmente, fugiram das imposições fiscalistas, impostas na Vila Real do Senhor Bom Jesus, com a presença do governador Paulista.

Em 1734, estando já quase despovoada, a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, os irmãos Fernando e Artur Paes de Barros, atrás de índios Parecis,

descobriram veio aurífero, os quais resolveram denominar Minas do Mato Grosso, situadas nas margens do Rio Galera, no Vale do Guaporé.

Os Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade, escritos em 1754, pelo escrivão da Câmara dessa vila, Francisco Caetano Borges, citando o nome Mato Grosso, assim nos explicam:

Saiu da Vila do Cuiabá Fernando Paes de Barros com seu irmão Artur Paes, naturais de Sorocaba, e sendo o gentio Pareci naquele tempo o mais procurado, [...] cursaram mais ao Poente delas com o mesmo intento, arranchando-se em um ribeirão que deságua no rio da Galera, o qual corre do Nascente a buscar o Rio Guaporé, e aquele nasce nas fraldas da Serra chamada hoje a Chapada de São Francisco Xavier do **Mato Grosso**. Da parte Oriental, fazendo experiência de ouro, tiraram nele três quartos de uma oitava na era de 1734.

Dessa forma, ainda em 1754, vinte anos após descobertas as Minas do Mato Grosso, pela primeira vez o histórico dessas minas foi relatado num documento oficial, onde foi alocado o termo Mato Grosso, e identificado o local onde as mesmas se achavam.

Todavia, o histórico da Câmara de Vila Bela não menciona porque os irmãos Paes de Barros batizaram aquelas minas com o nome de Mato Grosso.

Quem nos dá tal resposta é José Gonçalves da Fonseca, em seu trabalho escrito por volta de 1780, Notícia da Situação de Mato Grosso e Cuiabá, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1866, que assim nos explica a denominação Mato Grosso.

[...] se determinaram atravessar a cordilheira das Gerais de oriente para poente; e como estas montanhas são escalvadas, logo que baixaram a planície da parte oposta aos campos dos Parecis (que só tem algumas ilhas de arbustos agrestes), **toparam com matos virgens de arvoredo muito elevado e corpulento que entrando a penetrá-lo o foram apelidando Mato Grosso: e este é o nome que ainda conserva todo aquele distrito.**

Caminharam sempre ao poente, e depois de vencerem sete léguas de espessura, toparam com o agregado das serras [...].

Pelo que desse registro se depreende, o nome Mato Grosso é originário de uma extensão de sete léguas de mato alto, espesso, quase impenetrável, localizado nas margens do Rio Galera, percorrido pela primeira vez em 1734, pelos irmãos Paes de Barros. Acostumados a andar pelos cerrados do chapadão dos Parecis, onde haviam apenas algumas ilhas de arbustos agrestes, os irmãos aventureiros,

impressionados com a altura e porte das árvores, o emaranhado da vegetação secundária que dificultava a penetração, com a exuberância da floresta, a denominaram Mato Grosso. Perto desse mato fundaram as Minas de São Francisco Xavier e toda a região adjacente, pontilhada de arraiais de mineradores, ficou conhecida na história como as Minas do Mato Grosso.

Posteriormente, ao se criar a Capitania por Carta Régia, em 09 de maio de 1748, (em 2011- 263 anos da criação da Capitania de Mato Grosso e do Cuiabá) o governo português assim se manifestou:

Dom João, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, [...] Faço saber a vós, Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, que por resolutio se criem de **novo dois governos, um nas Minas de Goiás outro nas de Cuiabá** [...].

Dessa forma, ao se criar a Capitania, como meio de consolidação e institucionalização da posse portuguesa na fronteira com o reino da Espanha, Lisboa resolveu denominá-las tão somente de Cuiabá. Mas no fim do texto da referida Carta Régia, assim se exprime o Rei de Portugal:

[...] por onde parte o mesmo governo de São Paulo com os de Pernambuco e Maranhão e os confins do **Governo de Mato Grosso e Cuiabá** [...].



D. Antonio Rolim de Moura Tavares

essa intenção.

Todavia, a consolidação do nome Mato Grosso veio rápido. A Rainha D. Mariana Vitória, ao nomear Dom Antonio Rolim de Moura Tavares como Primeiro Capitão General, em Carta Patente de 25 de setembro de 1748, assim se expressa:

[...]; Hei por bem de o nomear como pela presente o nomeio no cargo de Governador e Capitão General da **Capitania do Mato Grosso** por tempo de

três anos [u.].

A mesma Rainha, no ano seguinte, a 19 de janeiro, entrega a Dom Antônio Rolim de Moura Tavares as suas famosas Instruções, que lhe determinariam as orientações para a administração da Capitania, em especial os tratos com a fronteira do reino espanhol. Assim nos dá o documento:

[...] fui servido criar uma **Capitania Geral com o nome de Mato Grosso**
[...]

1º - [...] atendendo que no **Mato Grosso se querer muita vigilância** por causa da vizinhança que tem, houve por bem determinar que a cabeça do governo se pusesse no mesmo distrito do Mato Grosso [...];

2º - Por ter entendido que no Mato Grosso é a chave e o propugnáculo do sertão do Brasil [...].

E a partir daí, da Carta Patente e das Instruções da Rainha, o governo colonial mais longínquo, mais ao oriente em terras portuguesas na América, passou a se chamar de Capitania de Mato Grosso, tanto nos documentos oficiais como no trato diário por sua própria população. Logo se assimilou o nome institucional Mato Grosso em desfavor do nome Cuiabá. A vigilância e proteção da fronteira oeste eram mais importantes que as combalidas minas cuiabanas. A prioridade era Mato Grosso e não Cuiabá.

A exemplo do restante das colônias brasileiras, a região fora objeto, num primeiro momento da busca por metais preciosos, servindo de passagem de garimpeiros fugindo das altas taxas de que eram cobradas em nome Rei de Portugal, através de seus representantes nas minas do Cuiabá e o grande aparato de fiscalização ali conduzido ao fio da baioneta se preciso fosse.

Ao longo dos anos, foram estabelecendo roças para cultivo de alimentos para abastecer as regiões com veio aurífero, o qual era outro mecanismo de ocupação e o povoamento para garantir a posse, o que ocasiona a distribuição gratuita de terras aos nobres portugueses e aventureiros, a através da concessão de Sesmaria, não sendo diferente nesta nossa região, onde hoje nós a denominamos de Várzea Grande, com as concessões das Sesmarias do Bonsucesso e São Gonçalo etc.

No Brasil, o direito de conceder sesmarias cabia aos delegados do rei, mas com o estabelecimento das capitâncias hereditárias, passou aos donatários e governadores.

Sesmaria é um pedaço de terra devoluta -- ou cuja cultura foi abandonada -- que é tomada a um presumido proprietário para ser entregue a um agricultor ou

sesmeiro. A posse da terra está, assim, vinculada a seu aproveitamento. Os portugueses trouxeram essa tradição para o Brasil, onde, no entanto, a imensidão do território acabou por estabelecer um sistema de latifúndios improdutivos, **Sesmaria.**

Em 1349 o rei D. Afonso IV promulgou a lei que restaurava o regime anterior à peste, mas enfrentou grande oposição. Pressões da corte por fim fizeram Fernando I assinar, por volta de 1375, a célebre lei das sesmarias, compromisso de difícil cumprimento entre a nobreza e a burguesia. A propriedade agrícola passou a ser condicionada a seu uso. Uma vez utilizada, tornava-se concessão administrativa, com a cláusula implícita de transferência e reversão. O exercício da propriedade da terra seguia o estabelecido nas Ordenações Manuelinas e Filipinas.

Sesmaria

A adaptação das sesmarias às terras incultas do Brasil desfigurou o conceito, a começar pela imediata equiparação da sesmaria às glebas virgens. A prudente recomendação da lei original de que não dessem "maiores terras a uma pessoa que as que razoadamente parecer que no dito tempo poderá aproveitar" tornou-se letra morta diante da imensidão territorial e do caráter singular da colônia. O sesmeiro, originalmente o funcionário que concedia a terra, passou a ser beneficiário da doação, sujeito apenas ao encargo do dízimo.

A terra era propriedade do rei de Portugal, que a concedia em nome da Ordem de Cristo. Martim Afonso de Sousa, em 1530, foi o primeiro a ter essa competência, num sistema que já tinha então maior amplitude, ajustado às condições americanas. Um ato de 1548 legalizou o caráter latifundiário das concessões, contrário ao estatuto português. Estabelecidas as capitanias hereditárias, o poder de distribuir sesmarias passou aos donatários e governadores.

Em 1822, graças às concessões liberais e desordenadas, os latifúndios já haviam ocupado todas as regiões economicamente importantes, nas imediações das cidades e em pontos próximos dos escoadouros da produção. Os proprietários de grandes áreas não permitiam o estabelecimento de lavradores nas áreas incultas senão mediante vínculos de dependência. Quando o governo baixou a Resolução nº 017, promulgada pelo Príncipe Regente D. Pedro, a qual suspendeu a concessão de terras de sesmaria até que nova lei regulasse o assunto, não havia mais terras a distribuir. Estavam quase todas repartidas, exceto as habitadas pelos índios e as inaproveitáveis. Em suas origens, o regime jurídico das sesmarias liga-se aos das terras comunais da época medieval, chamado de communalia. (*grifo nosso*).

O vocábulo sesmaria derivou-se do termo sesma, e significava 1/6 do valor estipulado para o terreno. Sesmo ou sesma também procedia do verbo sesmar (avaliar, estimar, calcular) ou ainda, poderia significar um território que era repartido em seis lotes, nos quais, durante seis dias da semana, exceto no domingo, trabalhariam seis sesmeiros. A média aproximadamente de uma Sesmaria era de 6.500m². Esta medida vigorou em Portugal e fora transplantada para as terras

portuguesas ultramar, chegando ao Brasil o Sistema de Sesmaria foi uma prática comum em todas as possessões portuguesas, como podemos constatar no processo de ordenamento jurídico na promoção da ocupação de terras no novo mundo, dado pelos portugueses logo que decidiam ocupá-las e povoá-las.

O Modelo foi radicado e posto em prática pela política de ocupação portuguesa para suas colônias do além mar, formando Colônias de Povoamento e Exploração; modelo este levado à exaustão por longos séculos de expropriação de propriedade de terceiros sem tomar conhecimento, quem era ou quem poderia reclamar sua posse, montando um aparato de dominação e extermínio dos opositores, neste caso os primitivos habitantes dessa região, os povos silvícolas (erradamente chamados pelos “europeus civilizados e cultos” de índios), que compunham diversas nações e etnias.

A Várzea Grande, antes do Ato do governo Provincial de José Vieira Couto Magalhães, era uma região explorada como qualquer outra nesta busca por veio aurífero, ocupada por aventureiro, alguns correndo do fisco real instalado na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Consta informações não oficial, um processo de ocupação por Ato Real, em que é concedido uma Sesmaria ao Índios Guanás, habitantes da região e por serem mansos e estarem este em atos comerciais com os bandeirantes paulistas e moradores da Vila do Cuiabá. Inclusive é este a origem do topônimo da localidade: Várzea Grande dos Índios Guanás⁵, doada aos Guanás em 1832, por Ato do Governo imperial. Quanto ao caminho obrigatório para o oeste e sul da província, a Várzea Grande era desde o início do processo de ocupação dos primeiros aventureiros, que por esta região se atreveram avançar, em terras pertencentes ao Reino de Espanha por força do Tratado de Tordesilhas de 1494, mas sim caminho de tropeiros e boiadeiros.

Esta doação de terras em sesmaria a silvícolas mansos ou agressivos são bastante questionáveis, tendo em vista a atividade que interessavam aos portugueses e paulistas no início da marcha para o oeste, como fora denominada a aventura dos bandeirantes nesta região, aprisionar indígenas para o trabalho forçado em São Paulo, por representar mão de obra mais barata e bem como investigar a existência de metais preciosos, o que acabou ocorrendo e mudou todo o interesse por estas terras. Porém o trabalho forçado não seria agora para as

⁵ [http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A1rzea_Grande_\(Mato_Grosso\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A1rzea_Grande_(Mato_Grosso))

lavouras de café paulista, e sim as minas de ouro que precisavam de todo o esforço para delas jorrar toda riqueza possível.

Os silvícolas e negros eram considerado uma forte mão de obra e “não ser humano, sim mercadoria”, como escravos podiam ser comercializados em mercados e, portanto, propriedade de donatários de terras aqui ou em qualquer região onde estivesse e fosse necessário mão de obra de baixo custo, onde neste período da história, a mão de obra negra já estava muito dispendiosa para os latifundiários.

Conflito na Bacia do Prata

O conflito que aqui a história o chamou de Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado ocorrido na bacia do Prata, na América do Sul, travado entre o Paraguai e a Tríplice aliança formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai.

Em 1862, Francisco Solano Lopes, governante paraguaio, chamado de EL Supremo, o qual sucedeu seu pai na condução do destino da nascente nação que desde 1811, nascera do desmembramento do Vice-reino do Prata, quando adquiriu sua autonomia política, sob o comando de um ditador.

Solano Lopez ambicioso e com formação européia, onde obteve conhecimento e direcionou o seu pensamento político inspirado nos déspotas europeus do século XVIII e no Imperador da França Napoleão III. Com tendência expansionista era defensor do projeto de um “Paraguai Maior”, com acesso direto ao Oceano Atlântico.

A fuga de Aguirre em consequência da invasão do território do Uruguai, pelo exército brasileiro, na defesa dos interesses nacionais na região sul brasileira, que sofria as consequências de constantes incursões organizadas pelo Líder Uruguai do Partido Blanco, em uma região que havia grande criadores de gado. Diante dos ocorridos o governo brasileiro resolveu intrometer na política interna do Uruguai, para proteger o território gaúcho, da intromissão de Aguirre. As incursões brasileiras em território Uruguai, e a expulsão do líder do Partido Blanco e sua retirada do poder uruguaio, em que promove e apóia o Partido Colorado, entregando o comando da Nação Uruguaia sob o governo de Venâncio Flores que declara apoio ao Brasil sem reserva, pelo apoio recebido.

A intervenção brasileira na política interna uruguaia provocou a imediata reação de EL Supremo, governante paraguaio, onde explode no Rio de Janeiro a notícia de que o Paraguai, sem prévio aviso nem declaração de guerra, capturou o Navio a Vapor Brasileiro Marquês de Olinda, que saíra de Assunção com destino a Cuiabá, o qual tinha a bordo o presidente da província de Mato Grosso Frederico Carneiro de Campos.

Solano Lopez armou um esquema de combate esperando obter o apoio dos membros do Partido Blanco no Uruguai e dos Coudilhos (nobres e grandes

fazendeiros influente) da Província de Entre Rios na Argentina na pessoa do general Urquiza. Reuniu a princípio, 64 mil combatentes, elevando-os posteriormente a quase 100 mil. Fortalezas de uma pequena esquadra fluvial completavam o poderio bélico do paraguaio.

Ao final de 1864, o presidente paraguaio determinou a invasão da Província de Mato Grosso, chegando a Dourados (Município do atual Mato Grosso do Sul). Pediu autorização da Argentina para cruzar seu território e invadir o Rio Grande do Sul. O governante argentino Mitre, recusou o pedido, e Lopez determinou a invasão do território argentino.

Em 1865, Solano Lopez ordenou a divisão das forças, que passaram a atacar simultaneamente, o norte e o sul. Nesse mesmo ano, brasileiros, argentinos partidários de Mitre e uruguaios colorados de Flores assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, contra o governante paraguaio.

O Exército invasor paraguaio fora cercado e rendeu-se em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, em 1865. Uma coluna militar Imperial brasileira infiltrou-se por trás das linhas inimigas no Mato Grosso, numa região pantanosa.

O conflito chegou ao seu ponto máximo em 1866. Forças inimigas defrontaram-se em Tuiuti, movimentando aproximadamente 65 mil soldados. Foi a maior batalha da guerra, na qual morreram mais de 10 mil homens.

Na história de Mato Grosso, sobressai o episódio da Guerra do Paraguai, onde Mato Grosso contribuiu para a Pátria de modo notável, fazendo frente aos avanços das forças de Francisco Solano Lopez sobre o território matogrossense, qual foi escolhido por Solano Lopez para sua primeira frente de guerra, o qual julgava que a Província não representasse maior empecilho aos avanços do bem treinado e equipado exército paraguaio, daquele tempo ao tomar posse de um grande vazio, embora não representasse ganhos bélicos notáveis. Sem dúvida assegurava uma larga frente territorial, uma vitória estrondosa para início de guerra, tornando-se um fato nada desprezível de tática, pelas suas estratégias pessoais de guerra, um triunfo para o começo de batalha sobre o território provincial de Mato Grosso.

O sucesso das investidas das tropas de Solano Lopez, e a reação das tropas aliadas, tendo que atender a defesa do próprio território, frente aos sucessos empreendidos pelas forças aliadas Rio Paraguai acima. Os matogrossenses, por sua

vez com meios improvisados podiam fazer frente aos paraguaios descendo o Rio Paraguai.

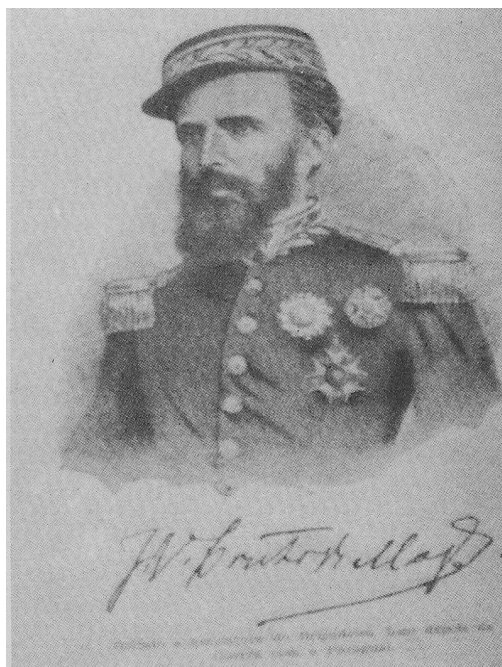
O novo presidente da Província de Mato Grosso Dr. José Vieira Couto de Magalhães, empossado a 02 de Fevereiro de 1867, organizou três corpos de Expedicionários voluntários da Pátria – para retomar Corumbá. O conselho de Oficiais julgou a tarefa impossível, mas o capitão Antonio Maria Coelho se levantou e tomou posição, levando a crer que poderia retomar Corumbá com “igarités”, canoas, e que estava pronto para dirigir as forças matogrossense. Couto de Magalhães investiu Maria Coelho no comando das tropas, comissionando-o à Tenente Coronel.

O Plano era atingir Corumbá em movimento de pinça pelo sul e pelo norte e se surpresa não dando tempo por nenhum dos lados aos invasores paraguaios.

As estratégias sob o comando do Ten. Cel. Antonio Maria Coelho, esperariam o corpo que desceria os Paraguaios embarcados em 20 canoas de grande porte, partindo de Cuiabá, mas temendo que os paraguaios descobrissem o estratagem do envolvimento pelo sul, Antonio Maria decidiu desfechar o ataque de surpresa a Corumbá, utilizando para somente um corpo de expedicionários. A guarnição paraguaia de cerca de 200 homens fora tomada de surpresa sem chance de defesa, porém reagiu em violenta luta corpo-a-corpo, resultando em apenas 27 prisioneiros paraguaios. O Tenente Coronel Maria Coelho perdeu 09 homens e 27 ficaram feridos.

A Várzea Grande

Ao longo do conflito ocorrido na bacia do Prata, é que o governante matogrossense Dr. José Vieira Couto Magalhães, a frente das forças Provinciais de Mato Grosso e seus oficiais, e Cuiabá contando com a presença de inúmeros prisioneiros paraguaios, os quais poderiam provocar reação violenta dos cuiabanos pelas incursões que o seu governante Francisco Solano Lopez realizara em território de Mato Grosso, somadas as notícias de atrocidades, que mesmo tardiamente chegavam a Cuiabá e isto poderia causar conflitos e o processo de guerra, poderia tomar rumos diferentes das estratégias de guerra planejada pela Aliança.



Um conflito doméstico não interessaria a nenhum governante Provincial, pois poderia tirar a atenção e colocar os esforços dos fracos recursos disponíveis à província, mudando o foco do conflito, que invadira a província.

Numa atitude politicamente correta, fora a decisão tomada pelo então Presidente da Província Dr. José Couto de Magalhães⁶, para dar proteção aos prisioneiros de guerras de origem paraguaia, criando um local para colocá-los em segurança. Assim, em 15 de Maio de 1867, criou o Chamado historicamente “Campo Concentração”⁷ de

⁶ **Fonte:** Foto do Brigadeiro José Couto de Magalhães – acervo Fundação Julio José de Campos – de Aureliano Leite.

⁷ Consideramos esta criação legítima do ponto de vista histórico, porém denominá-lo de campo de concentração é para atualidade, século XXI, um tanto pejorativo, por que no nosso universo de cidadãos da primeira metade do século XX e diante de todas as atrocidades que os Alemães nazista praticaram em Campo de Concentração, fica difícil continuar com esta afirmativa no processo histórico de criação de um espaço que pudesse dar abrigo e segurança aos presos paraguaios que se encontravam em Cuiabá, capital provincial durante os conflitos que originaram na Bacia do Prata. Estas considerações justificam-se diante das relações estabelecidas entre soldados, tropeiros e paraguaios que viviam em terras várzeagrandense, em que muitos fixaram residência

Prisioneiros Paraguaio na varzearia existente após a margem do Rio Cuiabá, distante do acesso dos cuiabanos, colocando a disposição dos prisioneiros um corpo de guarda, executado por soldados provinciais, para vigiá-los e protegê-los de possíveis ataques dos cuiabanos, revoltos com as atrocidades praticada pelo soldados paraguaios sob o comando de seu governantes Francisco Solano Lopez.

As terras onde hoje se assentam a cidade de Várzea Grande, e povoada históricos com origem no período colonial brasileiro, ocupados e povoados pelos aventureiros paulistas, como o Distrito de Bonsucesso, Engordador, Guarita, Passagem da Conceição, Manga, São Gonçalo, Capão Grande e Porto Velho, os quais compreendiam as Sesmarias de Capão do Pequi, do Bonsucesso, de São Gonçalo, de Passagem da Conceição, da Chácara São João e uma grande parte de terras devolutas, na maioria chapadões e cerradas com alguns capões de modesta densidade.

À margem direita do Rio Cuiabá, na orla ribeirinha que, em hemiciclo, se estendia da boca do Ribeirão Pari até a Praia Grande, a vegetação melhorava nos lugares onde os afluentes desembocavam no histórico Rio das Bandeiras.

Fronteira às poucas casas que pontilhavam as concavadas barrancas da margem esquerda {capital mato-grossense}, havia um porto improvisado início da rota primeira dos bandeirantes, rumo ao norte. Era ali o ancoradouro de canoas e batelões da época a que se apelidou, depois, "Passagem Velha".

No meado do século XIX, por estas terras transitavam os homens da Vila de Nossa Senhora do Livramento, das fazendas do Pirizal e da região poconeana. No porto tinha origem a tortuosa e má estrada boiadeiras, que se prolongava até dois mil metros, num plano só, quando em curvas de morrotes ganhava a altura de uns 15 metros, para formar o modesto planalto, sobre o qual está hoje o campo de aviação Marechal Rondon e, adiante, a Várzea Grande.

A partir da ravina formada junto ao tanque de Umbaúval, inicia-se leve depressão, que se estende até a Lagoa Jacaré, no sentido oeste-leste (cerca de um quilômetro de extensão), onde as águas pluviais formavam um, banhado irregular, estreito e de pouca vegetação marginal. A estrada tortuosa que vinha do referido porto, tomando o sentido NE-SO, após transpor as ladeiras do Morro Vermelho,

e dedicaram ao comércio de carne seca e manteada e logicamente ao plantio de roças e pequenas iniciativas produtivas mesmo durante os conflitos.

como se denominaram a diferença de nível citada, seguindo sempre para SO, atravessava cerca de mil metros de chapadões, em declive suavíssimo, até encontrar este banhado que há muito vinha servindo para ponto de pouso dos viajantes, carroceiros e principalmente aos boiadeiros que ali matulavam e punham bois e cavalos a pastar. Dada a extensão da Várzea, passaram a chamá-la de Várzea Grande e a marcar encontro nesse lugar, quando das viagens projetadas para o norte ou para o oeste. Havia nas cercanias um e outro rancho de pobre lavrador e, junto à várzea, alguns deles desocupados, abertos, que ofereciam precário abrigo aos boiadeiros em pouso, habituados à dura lide com o gado que, de Poconé e Nossa Senhora do livramento, vinham como ainda hoje para o consumo dos habitantes da Capital.



Av. Couto Magalhães em 1957

Transpondo a várzea, a uns cem metros do lugar por onde hoje localiza a Avenida Couto Magalhães, cruza o soterrado leito do antigo lençol d'água, continuava a estrada boiadeiras, em terreno sempre plano (de sinalíssima movimentação), passando pelos córregos Traíra, Piçarão, Formigueiro e outros, em declives leves, mas que, no entanto, eram torrentosos e de difícil acesso após as grandes chuvas, pois aquelas terras estavam em completo abandono e as travessias eram realizadas a vau (não havia pontes).

Nas terras do município de Várzea Grande não há elevações (morros, colinas), podendo afirmar-se que a inclinação mais forte em toda a sua área é a rampa chamada Morro Vermelho modelado do terreno que o milenar serviço de erosão conquistou, para ajudar na formação do rio Cuiabá. O predomínio é dos chapadões cobertos de cerrados e uns poucos capões, exceção feita da marginal área do Cuiabá e do seu afluente, o rio Pari, onde a macega fora densa outrora. Hoje está desgastada pela ocupação

constante do homem da lavoura, cujo amanho, ainda assim nos moldes antiquados, não permite a recuperação da flora, esterilizando o solo. Entretanto, na orla ribeirinha, além dos pescadores, vive a quase totalidade dos lavradores várzea-grandenses, apegados ao plantio da cana, fumo, arroz, mandioca, capim de praia e horticultura.

O município é inclinado às indústrias, datando da sua fundação o seu início nos tipos manuais, onde nessa época, meados do século XIX, as sedes de sesmarias funcionavam em casas de adobes, existindo alguns lavradores espalhados pelas orlas dos capões ou encostados à margem do Cuiabá, onde viviam a princípios os aborígenes, da escassa lavoura, da pesca e das canoas, nas quais levavam o peixe, a lenha e a verdura para Cuiabá, para fazerem suas compras no comércio do porto segundo distrito.

Estes poucos lavradores residiam em choupanas isoladas a centenas de metros de distância uma da outra, pois o resto se resumia nos boiadeiros sem pouso certo, levados pelos cavalos às fazendas ou para Cuiabá, constituindo então, aquelas paragens das terras da futura Várzea Grande, apenas elo entre compradores e vendedores de gado. Da oportunidade se serviram muitos homens afeitos aos negócios ilícitos, para ali se fixarem em atividade de desonestos objetivos (abate de reses roubadas). Não obstante a vizinhança dessas terras com as de Cuiabá, só depois de século e meio da sua descoberta Várzea Grande, durante os conflitos que originaram a Guerra do Paraguai, foi fundada em 1867 a Várzea do Boiadeiro e ocupada por aventureiros na busca de riquezas, onde prestaria outro serviço ao homem.

Desde que se fundou Cuiabá, após as descobertas de Sutil, o bandeirante audaz transpôs o rio e tentou a mineração nos córregos e encostas do Morro Vermelho, vasculhando as terras várzea-grandenses que nada lhe ofereceram de surpresas - nem do ouro nem de gentio - dando-lhe, porém acesso a todo o norte e oeste, franqueando-lhe um mundo novo como Rosário Oeste, o fabuloso Diamantino, Coca, Beri - Poconé e a Vila Bela, que os audazes Paes de Barros foram fundar no imenso coração da selva, muito brutal, imensamente palustre, eternamente rica, onde o ouro, às mancheias, arrastou na ambição natural toda a população cuiabana, num êxodo de resultados funestos para alguns e satisfatórios para outros.

Várzea Grande recebeu e viu passar pelos seus caminhos todos esses bandeirantes do século XVIII: os que partiram para desbravar o norte e o oeste e os que lograram regressar.

Ainda hoje, como naqueles anos de desbravamento, Várzea Grande cumpre esse brilhante destino de ser o corredor por onde convergem ou divergem do Centro Norte Matogrossense os homens de agora e os do amanhã, a partir deste ponto de acesso.

Ora, visando o ouro e terras melhores, mais ricas e mais férteis, os bandeirantes cruzavam o Rio Cuiabá, passavam por Várzea Grande, aventurando-se pelo norte e a esta região de acesso, e extremamente ligada à Capital sobrou apenas o interesse por Várzea, como ponto de pouso e de pastoreio dos animais, durante décadas.

A Várzea Grande deste século XXI, seguirá o seu caminho no processo de desenvolvimento, situando-se como cidade industrial e consolidar no processo jurídico de sua criação e alcançar a emancipação política.



Cuyabá, A Barca Pêndula sobre o Rio Cuyabá – Fonte: NDIHR/UFMT

Com o fim dos conflitos da Guerra do Paraguai, pessoas de várias partes, especialmente da cidade de Nossa Senhora do Livramento fixaram residência no

pequeno povoado em ascensão. Surgiram então os primeiros comerciantes, aumentando o pequeno núcleo populacional.

Marcando a sua estratégia de posição de passagem e caminho que leva ao interior da província, em 04 de julho de 1874, inaugura-se a primeira balsa, e iniciando à travessia entre Cuiabá e Várzea Grande, o que permitiu transportes de volumes e mercadorias daquele entreposto comercial para a capital – a balsa fez história.

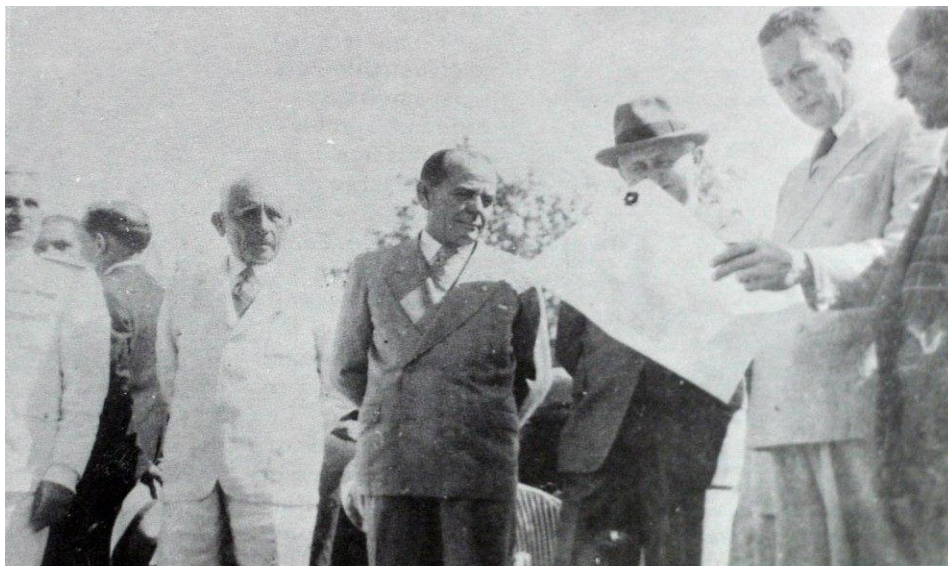
O primeiro professor da Vila foi o Mestre Bilão, que improvisava suas aulas aos poucos alunos que conseguiu arrebatá-los, em baixo de frondosa mangueira. Uma professora que marcando presença na história desta terra e sua época foi Adalgisa de Barros, os seus esforços deu um novos rumos ao ensino na localidade. Várzea Grande lhe deve a implantação do primeiro teatro do antigo povoado.

A primeira igreja foi a de Nossa Senhora da Guia. Sua construção foi devida a um movimento histórico, liderado por Elesbão Pinto e depois por Sebastião dos Anjos. A obra foi concluída no ano de 1892.

Pela Lei Provincial nº 145, de 06 de abril de 1886, elevou o povoado de Várzea Grande, a categoria de Paróquia. Em 1899, a Paróquia já contava com cartório, sub-delegacia de polícia, duas escolas pequenas e uma urna para uso dos eleitores.

A Revolução de 1930 determinou significativas mudanças no sistema político e social de Várzea Grande. Em 1942, o interventor Júlio Muller inaugurou a ponte de concreto, unindo Várzea Grande a Cuiabá, e dotou o terceiro distrito de energia elétrica, consolidando seu crescimento.

A Lei Estadual nº 126, de 23 de setembro de 1948, de autoria do deputado



Instalação do Município de Várzea Grande em 1949. A partir do segundo da esquerda para a direita, vemos o Marechal Cândido Mariano Rondon, governador do Estado de Mato Grosso Dr Arnaldo Estevão de Figueiredo, Presidente Eurico Gaspar Dutra e o Senador Filinto Muller

Licínio Monteiro criou o Município de Várzea Grande, com território desmembrado do Município de Cuiabá. O primeiro

prefeito municipal

nomeado foi o

Major Gonçalo Romão de Figueiredo.

No período da emancipação de Várzea Grande, quem Governava Mato Grosso era Arnaldo Estevão de Figueiredo, que se notabilizou como grande incentivador da política migratória e de expansão em Mato Grosso.

A Várzea do Boiadeiro sempre mostrou vocação para ser cidade de grande porte, e parecia haver nos primeiros moradores uma exagerada autoconfiança em relação ao futuro da pequena vila, que viria transformar-se na cidade industrial de Mato Grosso.



Veredores da primeira e segunda Legislatura. Da esquerda para a direita, Manoel Santana e Majorsinho (em pé) Júlio Domingos de Campos, Joaquim Coelho, Heróclito Monteiro, Belinho, Napoleão José da Costa, Rubens do Santos e Benedito Gomes. O segundo da esquerda para a direita, Majorsinho, Estevão Ferreira da Cunha, um dos incentivadores do Crescimento do antigo Sovaco, atual Souza Lima.

O Segmento econômico este que marcou o futuro de Várzea Grande. A vocação industrial ganhou notável impulso. Inúmeras doações de

áreas, incentivos fiscais de toda natureza, infraestrutura adequada permitiram a atração de grandes grupos financeiros. Disseminou-se a industrialização, a Alameda Júlio Muller, antigo caminho de pescadores, ganhou ares de distrito industrial, instalou-se ali a empresa Sadia Oeste, grande geradora de divisas e empregos. Nas proximidades cresceu o grande bairro Cristo Rei, o maior de Várzea Grande e celeiro da mão-de-obra local.

A explosão da industrialização, ocorrida em quase todos os quadrantes do município estimulou o comércio, que ferve em toda a extensão da Avenida Couto de Magalhães.

A Várzea Grande Jurídica e Administrativa

Distrito criado com a denominação de Várzea Grande, pela Lei Estadual nº 145, de 08 de Abril de 1896, no Município de Cuiabá. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o Distrito de Várzea Grande figura como área do Município de Cuiabá.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o Distrito de Várzea Grande permanece no Município de Cuiabá. Assim, permanece no quadro fixado para vigorar no período de 1944/1948. Quando elevando a categoria de município com a denominação de Várzea Grande, pela Lei Estadual nº 126, de 23 de Setembro de 1948, sendo desmembrado do Município da Capital do Estado Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento.

O Distrito de Várzea Grande, Constituído como Distrito Sede, é instalado Município em 27 de Julho de 1949. A Várzea Grande antes da instalação oficial de sua emancipação política, já tinha em seu território o Distrito de Bonsucesso, o qual fora criado pela Lei Estadual nº 9.593 de 24 de Dezembro de 1948 e fora em seguida incorporado ao Município de Várzea Grande.

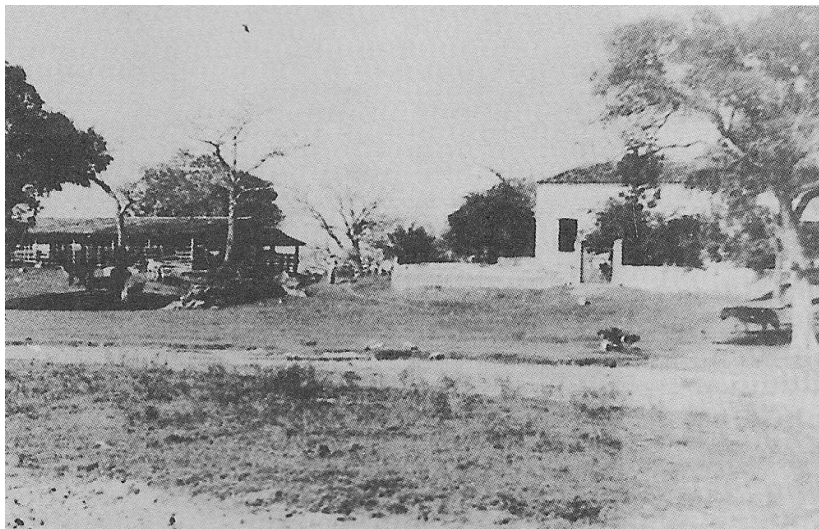
Na seqüência desta emancipação política e facilitando a administração pública, para isto é que existem os distritos, dando autonomia a uma região, sendo criado pela Lei Estadual nº 370 de 31 de Julho de 1954, o Distrito de Passagem da Conceição, pertencente até então o Município da Capital Cuiabá, fora assim, transferido sua vinculação ao Município de Várzea Grande.

Em divisão territorial datada de 1º de Julho de 1960, o município fora constituído de três Distritos: Várzea Grande, Bonsucesso e Passagem da Conceição. A Lei Estadual nº 2131, de 21 de Janeiro de 1964, cria o Distrito de Porto Velho e incorporado ao Município de Várzea Grande. Na seqüência das divisões de terra, em 1976, a Lei Estadual nº 3701, de 14 de Maio de 1976, é criado o Distrito de Capão Grande e incorporado ao Município de Várzea Grande. Na divisão territorial datada de 1º de Janeiro de 1979, o município tem constituído em seu território cinco Distritos: Várzea Grande, Bonsucesso, Capão Grande, Passagem da Conceição e Porto Velho, na região do atual Cristo Rei.

Varzea Grande cresceu, conta na atualidade segundo censo de 2010/IBGE, com 254 mil habitantes, uma cidade moderna, conhecida como cidade industrial, formando uma conurbação com a capital Cuiabá, sendo as duas cidades separadas apenas pelo Rio que empresta o seu nome à capital de Mato Grosso, o Rio Cuiabá, compondo a Região Metropolitana da Capital Cuiabá Matogrossense .

A Várzea Grande, étnica Industrial e Comercial

A formação étnica das futuras gerações varzeagrandense teve acentuada sua origem nas três castas sociais (humildes): soldados, presos paraguaios e



Antigo Matadouro Modelo instalado em Várzea Grande

vaqueiros.

Com o abate das reses e a manutenção e secamente de carne bovina, muito apreciada pelos aventureiros que pela estrada boiadeiras da varzearia, faziam paradas e caminho rumo ao sul e oeste da

província, tornaram os

primeiros moradores do povoado ao embrião da vocação industrial e comercial da região, através do aproveitamento dos couros, fabricando laços, cordas, moitões, sogos, peias, caronas, tropins, guardas, arreamentos em geral, vendidos quase sempre de encomenda a cuiabanos e fazendeiros, e aos proprietários de sítios de Nossa Senhora do Livramento e de Poconé.

A venda da produção era imediata, conduzida a comercialização, pelo meio de transporte muito utilizado na época a cavalo, em carroça em tração animal e o carro de bois, uma vez que o sistema de transporte fluvial mesmo usado e possível representava ao pequeno produtor algum risco diante de suas condições precárias.

Firmaram-se assim, o início do povoado, tão logo se armaram as barracas do acampamento no lugar, graças abundância de água na varzearia, retirada o ano todo das cacimbas (minadouros) existentes a jusante de pequena elevação do Umbaúval, marco inicial de Várzea Grande.

No contexto histórico, é possível identificar também outros fatores para a imediata fixação do povoado, os quais foram:

- A travessia do banhado pela sinuosa e única estrada que ligava o interior Sul e Oeste à Capital;
- O comércio de reses abatidas nas imediações da várzea.

O soldo militar das praças do acampamento sediado na varzearia, não temporariamente, mas durante três anos, uma vez que a guerra terminou em 1870.

A segurança com que contaram os prisioneiros e o campo de trabalho fácil, encontrado pelas atividades laborais de iniciativas populares, como plantio e a criação de bovinos e o fácil comércio da carne na região desde que chegaram, sem qualquer hostilidade dos brasileiros que, distanciados das áreas afetadas pelas batalhas, outro interesse não tinham, senão o da sobrevivência, servindo-se agora do braço operoso e competente, para dilatar o comércio da carne e dos utensílios produzidos a partir do couro bovino.

A garantia da imediata fixação, ocorrida por um período superior a mais de dois anos, com a existência do acampamento, assegurou a fundação do povoado de Várzea Grande, tanto que, quando o governo, em 1870 determinou fosse recolhido o destacamento a capital da Província Cuiabá, declarando liberdade integral aos prisioneiros paraguaios, muitos soldados solicitaram baixa das obrigações militares, deixando a caserna para fixarem residência na varzearia, contando a região com a presença de alguns paraguaios em liberdade continuaram no povoado, eis que lá estavam já com suas choupanas, plantações, afeitos ao comércio da carne e do arreamento.

Assim, se iniciava a década do pós-guerra e uma povoação nova surgia alicerçada numa diminuta população, formada por lavradores, remanescentes de tropas, soldados, presos paraguaios libertados, vaqueiros e os verdadeiros operadores dos abatedouros de bovinos, chamados como carniceiros.

Daí em diante, pessoas de Nossa Senhora do Livramento vinham fixar residência no novo povoado, surgindo os primeiros bolicheiros (pequenas iniciativas comerciais varejistas), firmando e garantindo estabilidade ao pequeno povoado nascente, que fora se desenvolvendo para que em 12 anos depois, em 1879, ter chamado a atenção do governo da Província, para assistencial social as famílias locais, com educação e outros serviços prestados pelo poder público provincial.

Registra-se ainda, que a varzearia, tornara o ponto preferido dos ladrões de gado, no século XIX, pela facilidade com que contavam para transformar o couro

do gado abatido em correame, uma vez que as marcas deste a fogo denunciariam a procedência das reses, caso fossem elas negociadas em peça única.

Sobre a iniciativa do espaço para proteção e garantia de segurança de prisioneiro paraguaios, decidida por José Vieira Couto Magalhães, escreveu Moutinho, em suas análises sobre a Província.

Acha-se situado na beira de uma lagoa, cujas exalações produzem a febre, que pelo seu caráter, conhecido em pouco tempo, dará cabo do pequeno resto de forças que tem a Província.

Mais tarde constataram que Moutinho andara apressado em suas críticas, pois não se tratava de nenhuma lagoa, mas sim de uma várzea alongada, cujas águas eram renovadas pelas dos minadouros, os filetes que brotavam a jusante da suave elevação do Umbaúval. E tanto, era verdadeiro este desmentido, que o povoado cresceu e o lugar sempre foi saudável, pois a antiga cidade de Várzea Grande, sem nenhum serviço de saneamento, não carregava a leva de mosquitos que infestava a maioria das cidades e vilas matogrossense.

A partir de 1870, o povoado, apresentou crescimento lento de pouca expressividade, pois a não ser o abate das reses para manteação, a lavoura, a fabricação da lenha para venda em bruacas e canoas e alguma indústria manual, tudo o mais se resumia num acanhado comércio varejista, sem nenhuma significação. Não se registrou, durante uma década, qualquer fato interessante e tudo dependia de Cuiabá, onde a venda do exíguo produto era feita, completando-se, ato contínuo, a operação de compra e venda, com a aquisição das utilidades que então levavam para o povoado.

No decorrer desses primeiros 20 anos de existência do povoado, a gente simples da Várzea Grande embrião vivia do penoso trabalho de todos os dias; as mulheres nas lides caseiras, no fabrico de redes, pois alguns teares foram aparecendo e, de lata d'água na cabeça, cobriam o itinerário das cacimbas a casa; os homens, no rudimentar amanho de terra, no abate de reses ou na viagem a pé e a cavalo à Capital, na constante operação de compra e venda.

A trilha boiadeira, percorrida todos os dias, descia o Morro Vermelho, tortuosamente, marginada pela sombra de combarus, pequizeiros e paratudos e, mais além, pela vegetação rasteira de ariticum, juá e marmelos, seguindo, até encontrar área plana na Manga, algumas dobras de terreno, que os morrotes de feitura antediluviana apresentavam. Depois os tratores deste século vierem remove-las em parte, para tirar a sinuosidade desse trecho inclinado, deixando hoje, às

nossas vistas, a suave rampa asfaltada que permite acesso fácil ao Campo de Aviação Marechal Rondon, Várzea Grande e vice versa.

A vida dos várzea-grandenses primeiros era assim feita do trabalho árduo, do ganha pão forçado, ao sol causticante do nosso clima tropical.

À noite, porém, festejando a semivirgindade daquela natureza, a luz diáfana da lua, maciamente iluminava o povoado. Homens e mulheres permaneciam até tarde nos terreiros batidos, fronteiros aos ranchos, de cócaras ou sentados nos toscos bancos de pranchões, tocando a viola de cocho ou cantando as toadas da época, como que a retemperarem as energias para a faina do dia seguinte. Assim viveram os homens do passado em Várzea Grande e, por muitos anos, assim estiveram neste século, gozando, porém, já dos benefícios advindos da criação da paróquia e do distrito, até ser elevada à categoria de município, evento este que veio marcar nova era na existência da antiga várzea dos vaqueiros.

Até a abolição da escravatura no Brasil, não se registrou fato algum de grande importância e nem houve progresso digno de menção no povoado.

Em Várzea Grande, restos de antigos muros (taipas de saibro socado) e a quantidade notável de negros constituem indícios indiscutíveis de que o povoado possuiu escravos e senhores, sendo tais vestígios mais acentuados nas terras da antiga chácara São João, propriedade de João Vieira de Azevedo, em cuja residência grande, de estilo antigo, destacava-se até 1960, um varandão lateral, aberto, semelhante à pequena senzala e que os moradores do porto afirmam tratar-se, evidentemente do lugar em que se alojavam escravos dessa chácara.

As terras de João Vieira, ademais, a partir da "passagem velha", iam para além de um grande capão, que ficava próximo das lagoas do Jacaré e dos Patos, Usina São Gonçalo e do córrego do Rabelo, o que passou a denominar-se Capão do Negro, pois para ali fugiam os escravos; a princípio, no século XVIII, em Cuiabá e no século XIX, da Usina e da Chácara São João homiziando-se nesse capão, o fato é um tanto lendário, pois não há registros, apenas informações.

Consta que a extinção da escravatura em 1888 não foi reconhecida pelos senhores, que não libertaram seus escravos, pois estes "chefes" viviam distanciados da força do poder público, indevidamente amparados pelo coronelato da política da época.

A Educação em Várzea Grande

O povoado em 1870, contavam com algumas crianças e adolescentes e alguns problemas de assistência educacional, razão pela qual o governo provincial naquele ano, destinara no orçamento verba para pagamento do primeiro professor da Várzea Grande embrionária.

Assumiu esse cargo o mestre Bilão, como era conhecido, e que no lugar que tomou o nome de Bosque por causa das altas árvores ali existentes, montou a escolinha, que se limitava ao ensino do abecedário, da cartilha e da tabuada. O número de alunos era de uma a duas dezenas, até a proclamação da República, não registrando os anais o fim da carreira de mestre Bilão. Sabe-se que após a proclamação a primeira professora de Várzea Grande foi Dona Mariana Serra (Dona Filinha), que exerceu o cargo numa casinha ao lado da Igreja Nossa Senhora da Guia, na várzea.



Inauguração do Novo Prédio da Escola Profª Maria Barbosa Martins - após a enchente de 1974

A professora Filinha, exerceu o magistério em Várzea Grande durante muitos anos, até ser jubilada no primeiro governo do Dr. Mário Corrêa. Outra antiga professora de Várzea Grande foi a mestra Jacobina, que ao tempo de D. Filinha ministrava aulas, nas primeiras décadas deste século, a alunos da

escola masculina.

A história da educação várzea-grandense contempla os distritos e povoados, com origem ainda nos tempos coloniais, em que há uma dedicação ao processo de ensino e formação do cidadão desde suas origens, sendo registra no início do século passado a organização de salas de aulas para o ensino do

letramento a crianças e adolescentes. Neste caso específico encontramos no Distrito de Bonsucesso a idealização e a preocupação com a educação local ainda em 1908.

Especificamente a educação no histórico distrito de Bonsucesso está inteiramente ligada à criação da primeira escola com o nome de Escola Rural Mista de Bonsucesso naquele povoado em **1908**, tendo como primeiro educador o professor Miguel José da Silva, o qual em seu terreno abrigava a sede da escola, localizado entre a propriedade do Senhor Adilson e a Chácara do Senhor Roni. Porém em **1915** foi transferida para Capão Grande.

Fui matriculado nesta escola que funcionava na Casa do Prof^o Miguel José da Silva, localizada no imóvel entre a residência do Sr. Adilson e a Chácara do Senhor Roni, uma semana depois ela foi transferida para a Casa do Senhor Ponciano Gonçalves da Silva, onde hoje localiza o imóvel enfrente a Peixaria Beira Rio de Antonia, sendo que a transferência o professor Miguel foi aposentado e ficou substituindo-o a Professora Antonia Costa a qual esta viva e mora em várzea Grande. A professora ficou aqui por dois anos, depois foi transferida para Souza Lima, quando eu e outros alunos fomos com ela, como eu era muito pequeno ficava na casa de um conhecido, vindo só nos fins de semana para Bonsucesso.⁸

Em seu lugar foi criada, em outro terreno, pelo Decreto lei nº 511-A, no governo de D. Aquino Correa, sendo instalada neste local em 16 de março de 1920, a qual veio transferida da localidade de Sucuri, sendo denominada Escola Rural Mista. Com a enchente do Rio Cuiabá em 1974, o prédio escolar fora totalmente destruída e, somente foi reconstruída pelo governo municipal que a denominou pelo Decreto Municipal nº 163 de 23 de Junho de 1976 - Escola Municipal de 1º Grau Professora Maria Barbosa Martins, a qual atende uma comunidade discente, no período diurno, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, e o ensino médio em parceria com o governo do estado de Mato Grosso no período noturno.

Vale ressaltar que até a enchente de 1974, o mantenedor da educação publica em Bonsucesso era de responsabilidade do governo de Mato Grosso, passando logo após a sua reconstrução em 1976 para a responsabilidade do Município de Várzea Grande.

⁸ - Joaquim Leite da Roza (rosa com [Z](#) mesmo) - Popular São Painha – 80 anos – nascido em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso.

Estudei as séries iniciais em Bonsucesso. Fui aluna da Professora Antonia Costa, na Escola Rural Mista de Bonsucesso – comecei aqui e terminei em Souza Lima (Antigo Sovaco), quando a sala de aula foi transferida para lá, funcionava na Casa de Eleutério. Depois fiz o Curso de Regência de Ensino no Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento do Magistério de Cuiabá, o qual funcionava onde fica hoje o 9º BEC - 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro. Terminei meus estudos me habilitando para o Ensino Primário do Estado de Mato Grosso, no colégio Salesiano São Gonçalo. Habilitei em Magistério pela Escola Estadual de 2º Grau Darwin Monteiro da Silva, onde hoje está o Colégio Couto Magalhães”. Iniciei o exercício Profissional no ensino em 1954, como professora na Escola Rural Mista de Bonsucesso, naquela época mantida pelo Estado de Mato Grosso, a qual já era no local onde hoje está atual Escola Profª Maria Barbosa Martins, hoje mantida pelo município de Várzea Grande. O prédio escolar naquele tempo era muito pequeno e era quase no meio da atual rua, pois era apenas um estreito caminho de carro de boi e animais. Em 1985 eu era professora responsável pela escola e em 28 de março de 1989, fui nomeada diretora, a qual foi inaugurada em 1976, dois anos depois da enchente de 1974, e já se chamava Profª Maria Barbosa Martins.⁹

em 1956 comecei a dar aulas na Escola Mista Rural de Bonsucesso, apenas com a formação elementar na época. Em 1967 retomei meus estudos pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – no Curso de Regentes de Ensino – no Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento do Magistério de Cuiabá, o qual funcionava onde fica hoje o 9º BEC - 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro, era muito longe e difícil, mas a gente lutava por que gostava de estudar e lecionar. Em 21 de abril de 1967 terminei a o curso com o Título de Professora Habilitada para o ensino Primário do Estado de Mato Grosso no Ginásio Coração de Jesus. Em 29 de novembro de 1980, conclui a Habilitação em Magistério pela Escola Estadual de 2º Grau “Darwin Monteiro da Silva”. “Era ótimo lecionar aqui na Escola rural Mista de Bonsucesso, com uma turma de 30 a 35 alunos na sala em sistema misto, isto é com alunos de diferentes séries e idade. Tinha aluno peralto, (danados), mas não era difícil controlá-los. A gente dava conta!¹⁰

⁹ **Honorata Magalhães Ribeiro da Silva** - Popularmente Dona Sinharinha – 74 anos – nasceu em Bonsucesso em 22 de dezembro de 1935. In memória em 1º de Maio de 2009.

¹⁰ **Teonila Gonçalves de Miranda** - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933 em Bonsucesso.

Cheguei em Bonsucesso em abril de 1952, vim para ser professora na Escola Rural mista de Bonsucesso. A escola era pequena com uma sala apenas e um grande salão que aproveitava como sala de aula e tinha três dependência que era usa como residência dos professores. Eu morei com minha mãe e suas irmãs na escola. Dar aulas naquela época era muito bom, pois a professora era muito respeitada por todos e pelos alunos. Infelizmente a gente só tinha a formação elementar e lecionava o que era possível. Quando a cheguei aqui tinha uma outra professora chamada Estervinha Santana Pinheiro, trabalhamos juntas por muito.¹¹

Podemos verificar que da sua criação até as primeiras preocupações com a formação educacional das crianças, passa apenas três anos, isto é em 1870, tem organizado salas improvisadas sob arvores para que as crianças não fiquem sem nenhum aprendizado como ler e escrever, e isto ocorrem graças ao espírito solidário do sertanejo cidadão simples que fixa mora nestas terras varzeagrandense, primeiro na varzearia o nascimento do processo educacional em seguida já existe um preocupação oficial, com a destinação de recurso para pagar o professor e a criação de escolas com a do distrito de Bonsucesso em 1908.

Atualmente Várzea Grande conta com uma rede Municipal de Ensino, que desde 2004 tornou-se Sistema com a implantação do Conselho Municipal de Educação, o qual tem disciplinado o funcionamento dos 73 Unidades de Educação pública e gratuita, coma oferta de atendimento em Creche, ensino fundamental com séries iniciais do Primeiro Ciclo – do 1º ao 3º ano – Segundo Ciclo – do 4º ao 6º Ano, (o que corresponde as antigas séries 1ª a 4ª Série do primário e a antiga 5ª Serie das series finais) na zona urbana, mantendo na Zona rural como o Assentamento Sadia III e o Distrito de Bonsucesso, também o ensino Fundamental das séries finais – o Terceiro Ciclo (antiga 7ª a 8ª Serie).

As localizadas no perímetro Urbano estão integradas dedicando sua oferta exclusiva a educação infantil os anos iniciais da educação do ensino fundamental para as séries iniciais, tornando assim o Sistema Especializado na formação inicial e no atendimento das primeiras letras, também com atendimento integral de toda a comunidade em idade escolar, com maior tempo para a qualidade.

¹¹ *Gonçalina Barros da Rosa – 77 anos nascida em 10 de janeiro de 1934 – em Várzea Grande – criada em Cuiabá, no bairro duque de Caxias.*

A oferta no Sistema Municipal de Ensino, atende um número superior a 22,3¹² mil alunos a partir de 1,8 meses aos 03 anos em Sistema de atendimento integral nas Creches Municipais e na Educação Infantil Pré-Escolar com alunos entre 4 e 5 anos, na formação de primeiras letras e coordenação motora dos educando. O Ensino fundamental de Várzea Grande tem contemplado significativo avanços, é já é ofertado desde a criação do Sistema o Ensino Fundamental com duração de 09 anos.

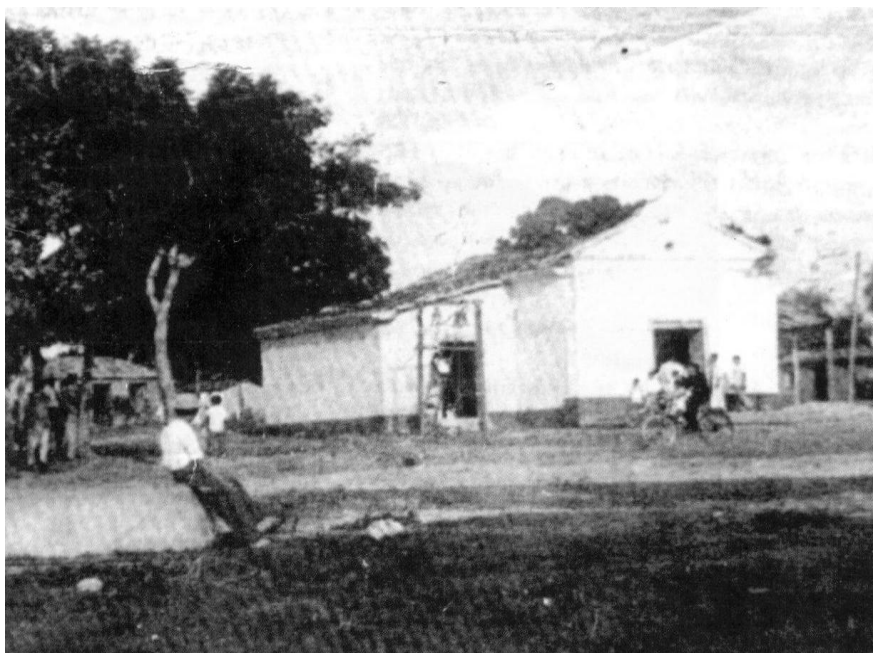
A implantação da escola Integral está se consolidando com o Programa Mais Educação em parceria com o Governo Federal, ofertando atividades extraclasse a todos os alunos do Ensino Fundamental, em oficina que visam trabalhar as aptidões vocacionais do aluno, mantendo-o mais tempo na escola e buscando contemplar maior qualidade no processo de ensino aprendizagem.

¹² **Fonte:** Educacenso - 2009 – SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura – www.varzeagrandedmt.gov.br

A Religião

A partir de 1890, os poucos habitantes do povoado varzeano resolveram construir uma igreja junto à várzea. O movimento foi encabeçado por Elesbão Pinto e Sebastião dos Anjos, filhos do fundador Joaquim dos Anjos, que, auxiliados pelo pessoal da "Guarita", passagem da Conceição e do Porto, depois de vários meses, conseguiram erguer a Igreja que recebeu o nome de Nossa Senhora da Guia. Depois de uma série de providências, inclusive da fabricação de um cálice de ouro para o ofício da santa missa, e da organização de uma irmandade, começaram-se as rezas, os batismos e casamentos com os padres Ferro e Santos se revezando na celebração das missas uma vez por mês, vindos da Paróquia de São Gonçalo, em Cuiabá.

Na fase final do século, o pároco em Várzea Grande era o Padre Valeriano e o zelador da igreja o veterano Manoel Paulo que, após uma das missas



Igreja de Nossa Senhora da Guia nos primórdios do Nascimento de Várzea Grande. - 1892.

verificou, ao recolher os aparatos religiosos, que o cálice de ouro já não era aquele que tinha em mãos e sim outro vaso de igual tamanho, porém de metal dourado e muito parecido com o primeiro. Preocupado o zelador levou o fato ao conhecimento da Irmandade da Igreja

e esta passou a entender-se com o padre Valeriano que, inarredável, afirmava ser aquele o cálice que recebera com outros pertences da igreja.

Passaram-se os anos, mas a Irmandade da Igreja de Nossa Senhora da Guia, embora sindicasse, dando secretas buscas nas igrejas de Cuiabá, procurando o seu cálice de ouro, não obtinham êxito.

Um dia surgiu um boato de que o procurado cálice estava entre os aparatos da Igreja da Santa Casa de Misericórdia.

E para lá foram vários devotos de Nossa Senhora da Guia, convictos de terem encontrado o cálice de ouro da igreja de Várzea Grande.

Todavia, tudo não passou de um sonho de boato porque nada encontrou lá parecido com o dito vaso e ninguém conseguia apresentar provas contra nenhuma



Antiga procissão de Nossa Senhora da Guia. Os fieis fervorosos ainda hoje conservam a tradição e, todos os anos saem entre a procissão, louvando a padroeira do Município.

igreja vasculhada nesses tempos de Ponce e de Totó Paes. E assim apagou na memória daquela gente essa questão, que ficou célebre, mas morreu com o romper do século XX.

Como vimos, Várzea Grande tem como sua principal Igreja, por ser Padroeira, a de Nossa

Senhora da Guia, inaugurada em 1.892.

Em 1954 foi construída a de Nossa Senhora do Carmo, demolida e melhorada e ampliada em 1970, sendo hoje a Catedral de Várzea Grande, sede da Paróquia sob a direção dos Missionários Saletinos.

No Bairro Cristo Rei está o Seminário com o mesmo nome e uma igreja da Conceição, de Guarita, de Capela de Piçarrão de Limpo Grande de Souza Lima, de Praia Grande, de Capão Grande, de Bonsucesso. Na Alameda Julio Muller e na Ponte Nova, em cada lugar há uma capela do clero e da gente religiosa de ontem e de hoje.

As atividades evangélicas em Várzea Grande iniciaram-se em 1943, com o aparecimento da Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, seguida da Assembléia

de Deus, Congregação Presbiteriana, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Cristã Universal, Igreja Pentecostal Seara do Senhor, Igreja Batista e outras denominações doutrinárias Evangélicas.

Figuram-se entre as grandes comunidades Cristãs, belas construções que demonstram a união destas comunidades, frente aos trabalhos de divulgação da fé, como ferramenta de formação do novo cidadão várzea-grandense neste século XXI.

Os líderes religiosos, tem presença marcante na vida do Município, com a participação significativa em serviços sociais oferecidos à sociedade que deles dependem como garantia de sobrevivência.

As relações sociais e políticas das diversas doutrinas fixadas em terras várzea-grandense são harmônicas e tem desempenhando papel significativo na construção da paz entre a diversidade cultural que há nesta região, desde sua origem, representando sua força na formação do cidadão moderno, onde raça, gênero e crença não é obstáculo para a construção de um Município, rico e pronto para receber as futuras gerações.

Os templos Religiosos, contam com criatividade arquitetônica, sendo quase em sua totalidade prédios próprios, onde realizam os momentos de oração e adoração a Deus, contribuindo para a paz local e mundial.

Não se fala de números de cristãos, e isto não é interessante, o relevante

é que todas as lideranças pastorais estão em nossa análise mais preocupadas com o futuro da família várzea-grandense e os caminhos que nossa gente estão construindo o futuro de nossa juventude, onde temos destaques



Procissão em Homenagem a Nossa Senhora da Conceição em Passagem da Conceição – foto do Acervo pessoal de Martha Beatriz Fontes – Primeira década do Século passado.

nos movimentos religiosos promovidos pelas Igrejas Evangélicas e Católica em época propícias, como Carnaval e outros momentos do cotidiano de nossa cidade e região, com Eventos Musicais, encontros de pregação, oração e retiros de reflexão.

As tradições religiosas locais são bastante relevante nos traços culturais e ritos cultuados neste século XXI. Os rituais mantidos nas festas de santos, muitos deles chegaram a nossa região ainda pelos europeus e africanos, no grande período colonial brasileiros.

Nas manifestações religiosas tradicionais, contamos com a Comunidade e Irmandade de Nossa Senhora da Guia na Região Central da Sede do município e Significativa Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, radicada no Distrito de Passagem da Conceição, a qual completo em 2010, 100 anos de suas manifestações populares e religiosas, sendo um dos marcos no povoamento desta região à margem direito do Rio Cuiabá, desde 1813.

A fé de nossa população e suas prática sociais, possuem um bonito e laços pacíficos, com convivência em todas as áreas onde possuem as festas com ritos antigos e traços pela peculiar a cultura local, não agredindo os membros de outras doutrinas, mantendo o respeito e as trocas na receptividade.

A exemplo, como já refletimos sobre a presenças das primeiras Comunidades Evangélicas presente em solo varzeagrandense, registra-se na atualidade, uma significativa comunidade de doutrina espírita, de rito africano, e novas comunidades Evangélicas, com destacado serviços do evangelismo e doutrinas nas diversas regionais de nosso município.

A harmonia entre as doutrinas são manifestadas nas comunidades religiosas, as quais são marcadas pelo clima de cordialidade entre seus membros, somando para importantes iniciativas de prestação de serviços sociais; somando iniciativas públicas e privadas das instituições religiosas oferecendo ao cidadão, que delas necessitam para que tenha garantia de sobrevivência ou saia do risco de vulnerabilidade social a que esteja submetido.

As Tradições

São marcante as manifestações culturais em vários pontos de nosso município das tradicionais danças de Cururu e Siriri, a exemplos dos estruturado grupos de tocadores de viola de cocho e o grupo de siriri mantido pela Comunidade Escolar de Engordador.

Várzea Grande abriga uma arte centenária, a Arte de tecer. As Comunidades de Limpo Grande, Capão Grande e Bonsucesso detêm a técnica e dominam a criação da tecelagem artesanal, com um colorido, muito reconhecida.

A Herança desta arte vem dos primeiros habitantes desta região, os índios guanás, hábeis tecelões e dominando a criação de rede de dormir com materiais rústicos a sua época, que as tecelãs destas Comunidades distritais de várzea grande dominam na atualidade a criação de redes e peças com desenhos que retratam a flora e fauna regional e local, com cores fortes certamente influenciada pela exuberância do ambiente natural e o clima quente da região.

A produção de rede, as que indevidamente são chamadas de “Rede Cuiabana”, porém o seu uso fora muito apreciado pelos aventureis paulistas nesta nossa região, dada o seu uso pelos indígenas guanás, os quais as teciam com muita habilidade, mesmo sendo uma tecelagem rústicos o seu uso fora disseminado por toda a região.

As técnicas de tear vertical, outra herança da cultura indígena, feitas por senhoras por gerações que passam de pais para filhos.

Os índios foram os primeiros que, com seu saber milenar, contribuíram para o enriquecimento da cultura mato-grossense. Organizados em pequenos agrupamentos intitulados tribos, os primeiros habitantes do Brasil tinham uma cultura extensa e rica. Cultura nobre seria aquela que reproduzisse os valores vindos de Portugal e de toda Europa. Assim, serão reproduzidas na região mineira de Mato Grosso as formas de viver e de pensar européias. Quando o colonizador português atingiu a região oeste da Colônia, mesmo tendo para isso se apropriado da cultura milenar dos índios, acabou descartando esse saber indígena, na organização dos arraiais e vilas,

terminou por impor o modo de vida e uma cultura européia... reproduziram ali os hábitos e costumes trazidos....¹³

Herdei a arte da tecelagem a través de uma Tia Dionina que tecia rede, eu tinha 12 anos, e ficava olhando e quando a minha tia levantava de um banquinho eu sentava e ficava espiando, um dia ela me pegou olhando e curiosa, então me perguntou; você quer aprender a tecer? Eu mais que depressa disse que sim e desde então comecei a tecer e achava lindo aqueles desenhos que ela fazia e até hoje nestes meus 63 anos nunca mais parei. Dos meus três filhos somente um herdou a arte, tece varanda (é o acabamento o que chamamos de barrado da rede o qual é feito separado) e a rede, ela não sabe fazer os desenhos. A transmissão da arte depende muito da vocação e querer das novas gerações, não aprende só por que quer. Assim somente uma filha minha tem esta vocação. A arte para ser preservada precisamos muito de um incentivo, uma vez que é muito custoso e demora muito tecer uma rede (uma rede bordada leva até 40 dias para ficar pronta, isto quando trabalha duas tecelãs), então a gente precisa de o governo dar a gente um incentivo, não temos condições de comprar a linha e tecer para depois vender e conseguir tirar o nosso dinheiro, como se manter assim?. Pensar assim seria muito fácil, a gente vende todas as rede que tece, a gente não tem é como se manter até o dinheiro chegar. A grande dificuldade hoje em ser uma tecelã e viver da tecelagem é o custo do material necessário¹⁴.

Outras manifestações culturais, que marca as tradições das comunidades várzea-grandense são as Festas de Santos, as quais cumpre rituais e ritmos que chegaram nesta região ainda no século XIX, durante o período colonial. O Distrito de Bonsucesso é conhecido como uma Comunidade Festeira, onde as tradicionais as festas de Santos são realizadas há décadas tradicionalmente e hierarquicamente, herança que são manifestadas com riquezas de detalhes ritual transmitido de pai para filho.

As mais populares são as Festas do Divino Espírito Santo, São Benedito e de São Pedro o Pescador, as quais se destacam pelo seu ritual e tradições que remontam a herança portuguesa que chegou a esta região.

¹³ *Siqueira*, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997. p 31

¹⁴ Florentina Ferreira da Silva - Popular dona Xuxa – Tecelã que herdará a arte de sua Tia e que nos seus 63 anos, cria suas peças bordando bonitas redes, com as mais diversas estampas com temas da região como peixe, flora e fauna

A festa do Divino é uma festividade folclórico-religiosa. Tem início no domingo da Ascensão com o “levantamento do mastro” e termina na festa de Pentecostes, com a caracterização de uma Sala do Trono, onde o Imperador, a Imperatriz, e o Capitão do Mastro são os personagens centrais da festa. A festa do Senhor Divino, remonta há séculos; trata-se de um paralelo entre o folclórico e o litúrgico, com um fundamento histórico trazido de Portugal durante a colonização. Sendo uma festa originariamente portuguesa, ganhou nuances caboclas com a agregação de usos e costumes tipicamente regionais. Às cinco horas da manhã, há repique de sinos e espocar de fogos, ocasião em que as bandeiras do Divino percorrem as ruas centrais da cidade. Após a alvorada, é servido aos participantes iguarias típicas, cuja confecção nos foi legada pelos indígenas. Há cânticos e danças misturadas ao incessante bater dos pilões. Três personagens são encontrados na festa: a Imperatriz, o Imperador e o Capitão do Mastro.¹⁵

A Festa do Divino Espírito Santo, a única da tradição trazida pelo português a Mato Grosso a ser realizada em solo varzeagrandense.

A festa é uma trégua indecisa da luta: todos interrompem o confronto direto, o trabalho, as atividades rotineiras para participar da celebração comum. As pessoas procuram a transcendência, os pequenos desafios do cotidiano são esquecidos. Pode-se fazer uma imagem da festa como um caleidoscópio no qual se refletem vários aspectos da vida social (Gloria MOURA, G., 1998, p. 13).

É significativo a ocorrência das grandes festas de São Benedito realizada em diversas comunidade distritais de Várzea Grande, uma tradição que tem suas raízes no período colonial brasileiro, com suas origens nas Irmandades do Rosário e São Benedito, práticas culturais dos homens negros nas manifestações religiosas praticadas pelos africanos e afrodescendentes radicados em Mato Grosso, as quais tem início ainda no período da mineração das Minas do Cuiabá, no século XVIII.

[A festa] [...] permite entrever as múltiplas relações que têm lugar numa micro sociedade e os valores que assim ela explicita: do parentesco ao meio ambiente, do calendário agrícola ao respeito aos mais velhos, da produção artesanal à história dos ancestrais, da liderança feminina ao conhecimento das plantas, das relações de afetividade aos valores humanos considerados fundamentais. Por esta razão, a festa, com seus ritos e símbolos, revela os costumes, os comportamentos, os gestos herdados e aponta ao mesmo tempo para as negociações simbólicas entre

¹⁵ **Fonte:** Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso. www.cultura.mt.gov.br

essas comunidades negras e os grupos com os quais interagem [...] (1998, p.14

Viola de Cocho

Instrumento tipicamente mato-grossense¹⁶, é utilizado nas tradicionais festas, onde há dança de Cururu e Siriri, tanto na capital como nas regiões ribeirinhas e pantaneiras. Confeccionada, artesanalmente, a partir de um tronco de madeira inteiriça, ainda verde, é esculpida no formato de uma viola que é escavada no corpo até que suas paredes fiquem bem finas, obtendo-se assim o cocho propriamente dito.

As primeiras violas-de-cocho tinham suas cordas feitas de tripa de macaco, ouriço ou da película de folha de tucum, o que tornava o som diferente; hoje em dia, elas já são feitas de cordas de nylon por motivos ambientais.

A cola usada era da bolsa respiratória pulmonar de peixes, como Pintado, Jaú e Piranha. Sua ressonância, que varia entre maiôs ou menor, de acordo com a música a ser tocada, depende da espessura das paredes do tampo. As violas geralmente medem 70 cm de comprimento. São usadas tanto no cururu quanto no siriri e até em qualquer outro tipo de música.

Siriri

O siriri é uma das danças mais populares do folclore mato-grossense. Praticada na cidade e na zona rural, tem presença indispensável em festas, batizados, casamentos e festejos religiosos. É uma dança que lembra celebrações indígenas. Dando por homens, mulheres e até crianças, numa coreografia bastante variada e sem uma interpretação definida, acontece em sala de casas, varandas ou mesmo terreiros. A música é simples, falando de coisas da vida, desde o nascimento, família e a presença de amigos.

Os tocadores são também os cantadores e quem dança também faz o coro. As vozes são estridentes, entoam tristeza e nostalgia nas melodias tristes, e alegria e descontração nas canções de festejo. Torna-se irresistível para quem vê;

¹⁶ **Fonte:** Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso – Viola de Cocho; Siriri e Cururu

logo quer entrar na dança, que transmite respeito à vida e o culto à amizade. Ainda é desconhecida a origem do nome; há duas versões: uma de ser originado de uma palavra portuguesa e outra do nome de um cupim de asas que tem o mesmo nome e o vôo parecido com os passos da dança.

Cururu

O Cururu é um canto primordial do folclore mato-grossense. A cantoria do cururu se classifica em sacra e profana.

A sacra, também chamada de função ou porfia, tem função religiosa e foi criada por fiéis. Geralmente acontece após as orações aos santos de devoção popular, na casa de amigos ou comunidade da igreja, e tem o objetivo de louvar ou homenagear aquele determinado santo.

A profana é aquela acompanhada pelos desafios e versos dos trovadores, por trovas de amor, declarações e desabafos ou desafio a alguém que roubou uma mulher amada e uma variada coreografia totalmente masculina.

Os cururueiros fazem roda caminhando no sentido horário, inicia a dança com passo simples de pé esquerdo, pé direito, e vice-versa. “Fazem frô”, floreiam à vontade, que é o movimento de ajoelhar-se até dar rodopios completos, ou seja, embelezar a dança. Os instrumentos da cantoria são violas-de-cocho e um ganzá ou cracachá. A festança, onde estão presente cururu e siriri dura toda noite, até os primeiros raios de sol. Os foliões se divertem, expressando sua pura riqueza cultural.

O homem simples das diversas comunidades tradicionais várzeagrandense, vivendo sua numa realidade laboral e os meios de subsistência, fez com que criasse manifestações mais recentes as quais tornaram no calendário local, arrastando famílias, turistas e visitantes da baixada cuiabana, para suas manifestações em festejos em louvor de fé e cultura popular religiosa.

A Festa de São Pedro o Pescador, realizada no Distrito de Bonsucesso, desde os primeiros anos da década de oitenta do século passado onde os festejos ocorrem no dia 29 de junho, em que comemoram o dia do Santo Padroeiro dos Pescadores, e sendo uma Comunidade tradicional ribeirinha e por longos anos, sua base econômica a está voltada a prática da pesca artesanal que tem alimentado gerações, embora as condições de degradação do Rio Cuiabá a tenha tornando insuficiente para a manutenção da familiares de pescadores que pro gerações

detêm a posse daquelas terras por herança na comunidade distrital, mas ainda representa a base de subsistência de muitas famílias.

Esta atividade econômica de subsistência de gerações em gerações, a fé e as práticas religiosas fez nascer a já tradicional Festa de São Pedro o Pescador, em que os rituais são passados de pais para filhos e arrebanha famílias inteiras e uma multidão de turistas para a sede distrital em sua realização anual nas últimas décadas, onde temos presenciado que a população local que representada em pouco mais de 1200 habitantes, é quaduplicada tornando a Vila Sede sem condições de transitar, porém numa perfeita harmonia e o espírito de uma festa anual de Famílias, onde conta-se com a presença de idosos, crianças, adolescentes e cidadãos adultos. As origens desta manifestação da religiosidade em homenagem ao Apóstolo Pedro, o Pescador, estão focadas na oralidade de filhos de Bonsucesso e na sociedade organizada no fim da década de 1970 e princípio de 1980.

Um dia eu ia ao rio ali nos fundo da Igreja do Divino Espírito Santo, no Porto, encontrei com o Menaldo que chegava com a sua canoa com muitos curimbas e piaus, então eu disse a ele, o Menaldo, hoje é dia de São Pedro, podíamos juntar ai uns peixes e fazer uma festa com peixe assados e fritos para quem quiser participar. Então vamos juntar dois peixes de cada juntar e vamos assar ou fritar, vou chamar e pedir ajuda, voltando encontrei com Elenir mulher de Dias, então falei com Elenir e iniciamos os preparativos, quando fritamos os peixes e assamos. Foi uma festinha simples, sem reza, mas com muita alegria de todos os presentes. O Ano eu não me lembro direito, porém se foi em 1980, que a colônia Z-1 e a SUDEPE, preparou a primeira grande festa, como diz o Senhor Branco, esta nossa festividade improvisada, que considero o inicio da Tradicional Festa de São Pedro, foi em 1979.¹⁷

Em 1980 o Aziz Calixto Said que era coordenador da SUDEPE (Superintendência de Desenvolvimento da Pesca, o que hoje equivale ao IBAMA), falou com o senhor Alcides da Costa que era coordenador da Colônia de Pescadores de Cuiabá – Z-1. Convocaram todos os frigoríficos da área de pescar, os quais era mais ou menos uns 10, que ficaram como patrocinadores. Eu era do conselho da colônia. Naquela época tinha quatro região que eram registradas na SUDEPE. Eram as seguintes regiões: Bonsucesso, Engordador, São Gonçalo e Praia Grande. Bonsucesso tinha 72 profissionais registrados com carteira,

¹⁷ *Augusta Maria Gomes* – Popular Dona Gutí – nascida em 26 de agosto de 1930 – 80 anos, filho de pescador nascida no Distrito de Bonsucesso e *Elenir Maria da Silva*, - é chamada por alguns de Dona Lili – nascida em 23 de março de 1943 – 67 anos - esposa e filha de pescador, nascida no Distrito de Bonsucesso.

como era a maior das regiões, foi escolhido para realizar a festa do santo pescador. Como eu era membro da Z-1, fiquei responsável pela coordenação, a qual coordenei por 14 anos, no período de 1980-1994. A Primeira festa foi realizada em 1980, na qual contamos com o apoio do poder público, através da secretaria de indústria e comércio na época, era o senhor Joel Bulhões. Em 1982, como a Colônia Z-1 estava sob a administração do Senhor Germano morador de Varginha em Santo Antonio de Leverger, queria que a festa fosse transferida para em Praia Grande, porém como eu era o representante de Bonsucesso, disse que a festa havia começado em Bonsucesso e seria realizada em nosso Distrito mesmo, uma vez que eu tinha o apoio dos frigoríficos, foi realizada uma festa em Praia Grande e outra em Bonsucesso naquele ano. Como o passar dos anos, os pescadores resolveram, que seria bom que a festa constasse com festeiros na sua organização anual, sendo os primeiros festeiros de São Pedro a partir de 1981. Os primeiros festeiros foram **Benedito Santana Silva e Teonila Gonçalves de Miranda**.¹⁸

“Ser a primeira festeira de São Pedro, significou que a gente se sentiu honrada e de confiança dos criadores da festa ao Santo Protetor dos Pescadores. Naquela data o Alcides da Costa Presidente da colônia Z-1, em 1982, ele doou a Imagem de São Pedro a comunidade. Ele e sua esposa trouxeram a imagem para minha casa e na hora da Missa daqui a imagem o Branco (Belmiro Leite da Rosa) e o Festeiro Dias (Benedito Santana da Silva), vieram e levamos pela primeira vez a imagem para a Igreja do Divino Espírito Santo. Naquele ano foi à primeira vez que rezou a missa nos festejos em honra a São Pedro.”¹⁹

A base alimentar dos festejos é o peixe frito, servido a preços simbólicos com arroz branco aos visitantes. O peixe é preparado com um tempero peculiar à moda cuiabana, criado tradicionalmente pelos pescadores da região, com ervas e alho. Os números desta festa são tão grandes que em sua última edição, em 2010, foram distribuído em um único dia, segundo pelos festeiros e organizadores, mais de três toneladas de peixe frito em posta, da espécie Pacu, criados em cativeiro, com um número mínimo oriundo do Rio Cuiabá.

¹⁸ **Belmiro Leite da Rosa** – Popular São Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – no Distrito de Bonsucesso

¹⁹ **Teonila Gonçalves de Miranda** - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933. Em Bonsucesso.

A Economia varzeagrandense

As práticas laborais no início do processo de colonização era o plantio de roças para a subsistência dos caboclos que aqui se aventuravam, esta prática deve-se a inexistência do veio aurífero na varzearia e localidades que antecederam a várzea grande de hoje no processo de ocupação. Primeiros foram os aventureiros paulistas na busca pelo ouro, sendo encontradas pequenas quantidades no meio das piçarras, em córregos onde atualmente localiza-se a região de Capela do Piçarrão, daí o nome, este veio de ouro não chamou atenção dos aventureiros.

Como relata os depoimentos orais e a ocupação por simples cidadãos que naquela época não estavam voltados a mineração e a escassez do ouro nas Minas do Cuiabá e a fama de extorsão do fisco Real, fizeram com que outras atividades econômicas surgissem nesta região, porém voltadas para um economia de subsistência da família que fixaram residência nos chapadões desta região.

Registramos a existência de plantação de cana-de-açúcar e a criação de gado nesta região muito antes da criação do Acampamento de Prisioneiros de Guerra Paraguaio. A plantação de cana-de-açúcar, utilizando a mão de obra escrava, tem objetivo abastecer as usinas existentes na região, como a Itaici, a qual tem suas ruínas às margens do Rio Cuiabá a pouco mais de 10 km do distrito de Bonsucesso.

As relações trabalhistas nas grandes propriedades eram baseadas na mão de obra escrava, a qual só fora extinta, com a assinatura da Lei Auréa em todo o Território Imperial Brasileiro em 1889. Em documentos de posse de terra, registramos a existência de posse por herança de terras nesta região da Várzea Grande a margens direita e esquerda do Rio Cuiabá em documentos originais datado de 1866, em pleno período escravocrata brasileiro, herdeiros dos detentores de concessão de parte da Sesmaria de Bonsucesso, nunca deixaram da utilização desta mão de obra escrava, seja ela negra ou indígena.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 ESTADO DE MATO GROSSO - COMARCA DA CAPITAL
5.º SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRO DE IMÓVEIS
DA 2ª CIRCUNSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA DE CUIABÁ

Av. Pres. Getúlio Vargas, 141 - Centro - Fones: (065) 321-2017 e 624-1235 - Fax (065) 321-8121 - Cuiabá - MT
 Maria Helena Rondon Luz

TABELIA

CARTÓRIO 1.º
 TABELIA
 JOÃO GOMES RONDON
 2.º TABELIA
 NEUZA ELIS DA SILVA
 ESCRITURANTE
 TABELIA SUBSTITUTO
 CONÇALINA JANE DA SILVA ARRUDA
 MATO GROSSO

CERTIFICO a pedido verbal de pessoa interessada que, revendo em meu Cartório, os livros de Registro de Hipotecas e outros ônus, verifiquei que o imóvel

1.º) LOTE de terras pastais e lavradas situados na SESMARIA DE BOM SUCESSO no Município de Várzea Grande-Mt, com área de 38has e 8.928mts2, 2.º) Parte ideal na sesmaria de terras lavradas com um quarto de legua em quadra, sito na margem direita do Rio Cuiabá, no lugar denominado PEDRA ALTA, perto do Morrinho. De propriedade de :SINEZIO EPIFANIO DA SILVA adquirido de GIL JOÃO DA SILVA E OUTRA e constante da matricula nº19.949, Lº02, fls.01 em data de 16.04.1982, destas Notas

AREA ADQUIRIDA -No imóvel acima descrito haverá tão somente ao ADQUIRENTE nº1.ºLOTE -12has e 9642mts2 e 66cm, 2.º)Haverá 1/7 do imóvel ou seja 857m e 14cms..... situado no município de VARZEA GRANDE-MT.

Comarca desta Capital, não se encontra gravado por hipoteca legal ou convencional, nem por qualquer outro ônus real, e não responde por encargos, decorrentes de tutela, curatela ou testamentaria, nem por cédula rural hipotecária, nem por cédula rural pignoratícia, não existindo protesto contra alienação de bens gravados em um período de mais de 15(quinze) anos. O referido é verdade e aos livros mencionados me reporto e dou fé aos 28 dias do mês de 05 do ano de mil novecentos e 1997. nesta cidade de Cuiabá Capital do Estado de Mato Grosso.

CARTÓRIO DO 5.º OFFICIN
 MARIA HELENA RONDON LUZ
 TABELIA
 1.º TABELIA SUBSTITUTO
 JOÃO GOMES RONDON
 2.º TABELIA SUBSTITUTA
 LEONICE SILVA
 ESCRITURANTES
 NEUZA ELIS DE BRITO
 CONÇALINA JANE DA SILVA ARRUDA
 MATO GROSSO

Oficial do Registro de Imóveis

Cida

Certidão de propriedade por herança de Gil João da Silva, da família de Justino Antonio da Silva Claro – o qual foi herdeiro de parte das terras da Sesmaria de Bonsucesso.

A predominância de caboclo de pele parda e escura principalmente no Distrito de Bonsucesso caracteriza a origem africana daquela população nas plantações da cana-de-açúcar, base da economia local desde o século XIX e criação de gado, que por décadas a atividade canavieira fora a garantia de subsistência de

famílias e por gerações em área ribeirinha. A Pesca era somente para o consumo nas dietas diárias, até por volta da década de 80 do século XX.

Os destaques da Várzea Grande nascente, nas atividades de plantio e abate de reses, lhe logrando o título de vocação industrial, pela qualidade da carne manteada que comercializada, e a produção de arreamento nas vizinhanças da varzearia caracteriza a existência das duas iniciativas econômica diante da inexistência de ouro nesta região.

Várzea Grande ao nascer e ser povoada por habilidosos caboclos, na condição de segurança militar, prisioneiros paraguaios e vaqueiros, gente simples que já haviam fixado moradia em solo da grande várzea, os quais integraram a força laboral da varzearia, que com habilidade e muita força de vontade de torná-la num corredor de aquisição de carne seca para abastecimento do oeste e da Cuiabá capital Provincial, lhe concedendo a fama pela sua qualidade, alçando no futuro o título de Cidade Industrial.

A Várzea Grande do final do século XX e primeira década do século XXI, é uma cidade que possui significativo parque industrial, abrigando grandes empresas industriais do Ramo Frigorífico, mantendo sua grande tradição de exportação de carne. Porém é destacado o seu setor econômico no ramo comercial, abrigando grandes redes de lojas e supermercados, com destaque para a qualidade dos produtos colocados a disposição da população varzeagrandense que já não depende tanto se deslocar a capital Cuiabá para adquirir bens de consumo e equipamentos de utilidades domésticas. Destaca-se também o grande número de revendedoras de veículos, onde é possível encontrar modelos fabricados com as últimas tecnologias disponíveis no mundo, das mais diversas marcas, com suas vendas instaladas em solo varzeagrandense.

O Setor de Serviços, o chamado setor econômico terciário, está em franco desenvolvimento, tornando Várzea Grande em uma cidade que seu futuro muito em breve será completa em oportunidade e em condições de atender a população em todas as suas necessidades.

Historicamente, o município é o portão de entrada dos bandeirantes dos tempos contemporâneos, tendo em vista que o Aeroporto da região com capacidade de pouso e decolagem de aeronaves de todos os portes transportando centenas de milhares de passageiros por ano, este sediado em solo da grande várzea nascida no século XIX. Hoje estes bandeirantes vem

conhecer e apostam em vários setores de nossa economia local, como turistas consomem os produtos locais gerando impostos e riquezas ao estado e ao município; como empresários estudam seus investimentos em oportunidades de negocio local, transformando a varzearia num grande corredor de entrada para futuros negócios e investimentos ou lazer, que geram empregos e oportunidades a nossa gente. O interessante é que nossa Várzea Grande, já nasce e se transforma, de uma maneira ou de outra, despontando para uma industria artesanal de transformação, e o comercio de produtos acabados os quais adquirem valores agregados significativos para os seus empreendedores, e é assim com as indústrias instaladas em seus domínios e do comercio e serviços disponível no mercado local.

Desportos e Lazer

Mato grosso carece hoje de informações documentadas que solidificam a história do futebol em nosso Estado. Infelizmente existem poucos artigos, dados ou registros que nos remetam ao início do século 19, na capital de Mato Grosso, onde



Bar Balança Mais Não Cai em Várzea Grande. Local de Encontro de dirigentes esportistas na segunda metade do Século passado.

se originou o começo dessa caminhada, dando o ponta pé desse esporte no Estado. Partindo desse ponto, falaremos sobre fatos e pessoas que imprimiram seus nomes nessa atividade, resgatando assim um pouco dessa história perdida ao longo do século

passado²⁰.

Pelo que se tem registrado, se é que pode ser identificado como esporte, foi a tourada tendo maior popularidade em Mato Grosso no início do século passado. O futebol, considerado como o esporte das multidões, apareceu por aqui através do Padre Antonio Malan em 1902, quando trouxe a primeira bola, adquirida em São Paulo, deixando a juventude alvoraçada, com a “pelota quicando”, e a moçada aprendendo as primeiras lições do esporte britânico. O governo era do presidente Antonio Paes de Barros, que desta forma, entra para história por participar também na introdução do futebol no Estado.

²⁰ FONTE: <http://guiadematogrosso.com.br>

No início do século retrasado, entre 1911 e 1915, surgiram vários times na capital, entre eles, o Paulistano, Royal, Americano, Internacional e Cuiabá Futebol Clube. Esses times, conforme registros abriram a história do futebol em Mato Grosso. O Internacional, com domicílio no Bairro do Porto, tinha como presidente Gustavo Kulman, sendo formado pelos jovens residentes na área portuária da capital. Entretanto o Cuiabá Futebol Clube, mais elitizado, era presidido por Leovegildo Martins, contando em seu elenco por jovens da sociedade cuiabana na época²¹.

Tudo organizado na Liga partiram para a construção de um estádio que tivesse um pouco de estrutura para a realização das partidas. No dia 7 de Setembro de 1936, sob a administração de Manoel Soares de Campos, era inaugurado o primeiro Estádio em Cuiabá, localizado onde hoje abriga o Colégio Estadual Liceu Cuiabano. Consta nos registros que Mixto X Americano fora o grande clássico da época, com casa cheia em todos os jogos.

Várzea Grande nasce e vive os momentos de descoberta de atividades laborais que direcionaram a sua econômica local e bem como as atividades desportivas que conquistam o cidadão simples radicado nesta região, tendo em vista que no início do século a “Pelota” que fascina milhões de pessoas em todo o mundo e mato grosso, bem como Várzea Grande, com seus campinhos, ruas de chão batido, não será diferente, a partir da primeira bola a tocar solo Matogrossense em 1902, pro o iniciativa do clérigo Católico Padre Antonio Mallan.

Como tem definido os diversos pesquisadores o falar e teorizar sobre o futebol, o mesmo se tornaram tão popular pela sua simplicidade, de atividades de elite nos idos dos anos de 1894 em São Paulo, vai se transformar no esporte de todas as classes sociais, inclusive se destacando meninos pobres e negros, o que embora no seu inicio havia a restrição de negros nas fileiras dos praticantes do futebol.

Nascido no bairro paulistano do Brás, Charles Miller viajou para Inglaterra aos nove anos de idade para estudar. Lá tomou contato com o futebol e, ao retornar ao Brasil em 1894, trouxe na bagagem a primeira bola de futebol e

²¹ Fonte: <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html> - Acervo **José Eustáquio Pulula da Silva - Zezé Pulula**.

um conjunto de regras. Podemos considerar Charles Miller como sendo o precursor do futebol no Brasil. O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Os funcionários também eram de origem inglesa. Este jogo foi entre Funcionários da Companhia de Gás e Companhia Ferroviária São Paulo Railway. O primeiro time a se formar no Brasil foi o SÃO PAULO ATHLETIC, fundado em 13 de maio de 1888. No início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, sendo vedada a participação de negros em times de futebol. (grifo nosso)²²

Porém o futebol organizado em Várzea Grande, irá se consolidar no fim da década de 40 do século passado, com na seqüência do processo de emancipação política do terceiro Distrito de Cuiabá, que da condição de Vila, passa a Município tornando-se autônoma em suas diretrizes e nos caminhos a serem traçados para sua gente.

Neste rastro viu nascer em seu território oficialmente o primeiro clube desportivo, que iria ao longo dos anos, conquistar o coração de todo várzeagrandense e claro fazer nascer a histórica rivalidade entre os clubes da capital e de nossa várzea Grande. O Operário Futebol Clube, o qual fora fundado por iniciativa de jogadores experientes entre eles Rubens dos Santos Seu primeiro presidente, em 1º de maio de 1949.

Juntamente com o Mixto Esporte Clube, formou-se o maior clássico de Mato Grosso, o Clássico dos Milhoes como era considerado qualquer encontro dos dois clubes nos Campeonatos em Mato Grosso.

Há exatos 61 anos, após o Bispo Dom Antônio Aragão presentear com um jogo de camisas, uma equipe formada com os melhores jogadores de Várzea Grande, nascia o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense (CEOV). O jogo de estréia foi contra a equipe do Palmeiras, quando foi usado um uniforme nas cores vermelha, branca e verde. A partida foi disputada no antigo Círculo Operário, na Rua da Independência, centro de Várzea Grande (no local funciona hoje, a Conferência da Igreja Nossa Senhora do Carmo). Os heróis do jogo foram: Benedito “Sapateiro”, Assis, Ciro, Rubens dos Santos, Caetano, Boava (autor do gol), Simão (Cháfia), Alberto (Gonçalo), Lindolfo e Nono “Sapateiro”.

²² Fonte: www.superpesquisa.com/futebol



Clube Esportivo Operário Várzeagrandense. Bi- Campeão Cuiabano em 1967/68. EM PÉ: Seo"Augustinho"(Massagista), Darcy Avelino, Adalberto "Brejinho", Gonçalo, JK, Wálter e Glauco. AGACHADOS: Jaburú, Fião, Gebara, Poxoréo e Odenir "Upa Nequinho. **Fonte::** <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html>

O primeiro presidente do Operário foi o Sr. Luís Vitor da Silva que ainda hoje vive na lendária Av. Couto Magalhães, centro de Várzea Grade. Luís tinha na retaguarda Joaquim Santana Rodrigues, Lamartine Pompeo de Campos, Oldemar Pereira, Mestre Dario, Manuel Mendes de Oliveira e Manuel Santana.

Na época, as partidas eram disputadas nos estádios Gonçalo Botelho de Campos e Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha. O futebol não profissionalizado, sendo disputado apenas na categoria amador. Foi uma fase de ouro, com o "Chicote da Fronteira" conquistando o tricampeonato de forma invicta nos anos 1953, 1954 e 1955.

Uma curiosidade foi o campeonato de 1955, o tricolor chegou ao título reforçando seu elenco com três jogadores contratados junto ao seu maior rival da época, o Industrial Esporte Clube Porto; Tatu, Tidinho e Bastilo. O Operário foi apelidado de "Pequeno Davi" pelo radialista Jota Alves, após empate heróico contra

o poderoso Clube Atlético Mato-Grossense, gol marcado por Isaac Nassarden, em cobrança de pênalti²³.

Em tempos que o lazer não conta com muitas opções aos cidadãos as famosa peladas as brincadeiras nos campinhos etc, para muitos em terras de Couto Magalhães, o esporte-rei, ou seja, o futebol tem sido um entretenimento que unia toda a família, homens e mulheres. Apreciado por todos e praticas por homens e mulheres, em Bonsucesso, havia uma “rincha” tradicional, no que diz respeito a este esporte, entre o “povo de cima” e “povo de baixo”. Segundo São Painha, do tempo em que todos da sua geração eram jovens, havia um rapaz por nome de Aquino, pertencente ao “povo de cima”, que se aproveitava do fato de ter o espaço para a pratica do futebol, para ditar sua vontade, dizendo quem iria jogar ou não. “Quando íamos jogar no domingo, Aquino já estava com o uniforme do soberano desde quinta”.²⁴

Indignados com a situação, São Painha e seus companheiros de “baixo”, decidiram construir outro campo, e em terreno doado pelo São Ponciano começaram a derrubada das grandes mangueiras que ali havia.

O Brasil, país do futebol, não poderia ser diferente no Distrito de Bonsucesso, a prática desportiva é incentivada desde cedo, com manifestações em todas as idades com muito apego e interesse. Os filhos de Bonsucesso ao iniciar sua vida estudantil e comunitária manifestam com grande interesse as praticas desportivas do futebol ainda com idade entre 04 e 06 anos.

Bonsucesso, conta atualmente com diversos grupos com nomes dos mais diferentes possíveis na imaginação dos praticantes e organizadores, buscando agregar valores e unidade para as práticas desportivas rompendo barreiras com articulações para realizá-las. O esporte em Bonsucesso, sempre foi um dos eventos agregador da comunidade e promotor da Paz, mesmo os grandes embates, as quais não permanecem após os famosos campeonatos, a superação é uma questão de tempo e passar dos dias, no combate às diferenças que poderiam ser obstáculos.

²³ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Oper%C3%A1rio_Futebol_Clube_Ltda.

²⁴ *Joaquim Leite da Roza - Popular Painha – 75 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso*

No passado existiram times organizados por homens e mulheres, nos



Time do Vila Nova

espaços possíveis da época. Contudo com a participação e apoio popular de ambos os sexos. No Brasil do século XXI, quando o esporte feminino dar sinais de vitalidade e de superação da exclusividade masculino homens

no Histórico Distrito de Bonsucesso na Década de 70 do século passado já havia uma estrutura simples mas bem organizada com a formação do time femininos, onde destacavam-se nas disputas locais dos

campeonatos, sendo destaque e o mais famosos deles a Equipe denomina As Brasinhas



Time Feminino “as Brasinhas”

Isto foi por volta de 1975, mesmo tendo o preconceito dos pais e de alguns, reunimos um grupo que resolveram criar um time de mulher no Bonsucesso, o grande preconceito é que o ditado já dizia futebol era coisa de homem, vestir chorte e calçar kichute é só pra homem, mas mesmo assim, se reunimos e fizemos uma cota para comprar o material necessário para o uniforme. Compramos o tecido para fazer os chorte, ai tivemos a ajuda de um costureiro o Ademilton que fez o chorte para a equipe, superando os

primeiros obstáculos o calçados. Tivemos como apoio o treinador Domitilo que era desportista para que pudesse treinar o time. A escolha do nome Brasinha, veio pela noção de que deveria ser um nome forte, brasa. Eu tinha na época acho que era 18 a 20 anos, não tivemos uma preocupação de guardar estas datas. Mas conseguimos nos aventurar em torneiros, pois com a nossa iniciativa, surgiram vários outros times, em exemplo foi em Souza Lima. Só sei dizer que fomos as primeiras. O que foi curioso é que ao passar o tempo e vendo que nós estamos bem como time feminino da comunidade e muitas unidas; por si só acabou com o preconceito que havia e que tivemos que superar até mesmo dentro de nossas famílias, e nos tornamos um equipe que arrastava muita gente para beira campos. Havia uma grande presença feminina nas beiras dos campos, mas até então a mulher só era torcedora e ai passamos a participar mais de perto, foi assim que nasceu as brasinha, o primeiro time feminino do Distrito de Bonsucesso. As mulheres sempre participaram dos campeonatos e partidas, já havia uma grande presença feminina como torcedoras. O transporte naquela época era em caminhão o duro era vestir calça pois não era bem vista a mulher que vestia calça, pois era coisa de homem²⁵.

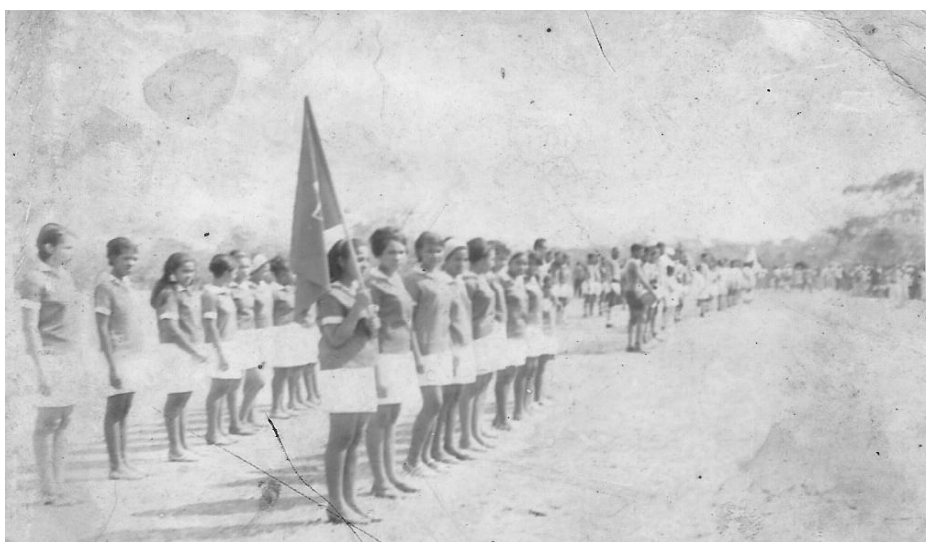
Na atualidade, o distrito dispõe de espaços físicos para as práticas desportivas, como o Mini Estádio, a Quadra de Esporte da Associação de Moradores, construídos pelo poder público e a Quadra Poliesportiva da Escola Municipal Prof.^a Maria Barbosa Martins, A Organização de grupos para a prática do futebol em Bonsucesso remonta a década de 1950, com a criação de um time com o nome de Soberano e posteriormente foi criado o Vila Nova, fruto de uma divisão entre os membros do primeiro. Sendo que o Vila Nova esta em atividade na atualidade, embora já não conte com o vigor que nos foram revelado, em sua fase gloriosa, nas décadas de 60 e 70 do século passado.

“Soberano Esporte Clube - Por volta de 1950 fomos convidado para criar o time do soberano, no local onde hoje é a residência do Senhor Olimpio Ribeiro da Silva (Nhôca), pelo Antonio Leite de Magalhães, pai da Prof.^a. Honorata Magalhães Ribeiro da Silva (esposa de Nhôca), nesta época fizemos um campo, com trabalho duro durante um mês. Ocorreu que por um desacordo financeiro no time, o que por este motivo houve uma divisão do grupo, assim criamos o Vila Nova em 1951. Começamos o Vila Nova da seguinte forma: com a divisão, o grupo que saiu do soberano, e resolvemos

²⁵ **Fonte:** Teodora Leite da Rosa Magalhães 51 anos – Goleira do Time Feminino do Distrito de Bonsucesso: as Brasinhas.

comprar um bola, e como tínhamos ajudado a construir o campo, fomos jogar, ocasião em que fomos proibido, por membros do Soberanos. Assim, voltamos e fomos na propriedade do Senhor Ponciano Gonçalves da Silva, quando pedimos se nos dava um pedaço de sua terra para que fizéssemos um novo campo (onde hoje esta é o Mini Estádio Cândido Jordão de Magalhães), esta homenagem eu não concordo, pois a acho injusta. Naquela ocasião, o mesmo achou que era um benefício a comunidade e nos cedeu com boa vontade o espaço, onde construímos o nosso Campo e Criamos o Vila Nova, sendo eleito o seu primeiro presidente Gil João da Silva”.²⁶

Eu era o cobrador da mensalidade dos membros do Time. Nos dedicamos um norma, que o membro que não participasse do treino no dia marcado se não justificasse, pagava uma taxa. Uma Vez por semana, as três da tarde, estávamos no campo para o treino, sempre respeitamos o presidente nos tempos de campeonato e semanas de jogos. Gil João da Silva foi presidente do Vila Nova por 15 anos.²⁷



Apresentação das equipes desportistas: no primeiro plano as mulheres

Hoje em dia o grande destaque são os grupos organizados por populares e o time composto pelos quarentões do distrito, que formam o grupo homogêneo e assíduo nas práticas desportivas e em suas comemorações em final de campeonato.

²⁶ Belmiro Leite da Rosa – Popular Senhor Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – no Distrito de Bonsucesso

²⁷ Joaquim Leite da Roza (é com Z mesmo) - Popular São Painha– 80 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso

Durante o ano, são realizados campeonatos e torneios, com participação



Torcida Feminina do Operário Várzeagrândense. A foto por ocasião da conquista tricolor da Copa dos Campeões dos Campeões de Mato Grosso em 1964. Presença de Yorlete, Jujú, Nina Barros, Maria Lucia, Regina Correa e outras. O mascote é o falecido Chiquito Correa. Fonte: <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html>

de grupos de toda a região do distrito, com presença marcante de times exclusivos formados por moradores ou filhos de Bonsucesso, e integrante de outras regiões casado com filhas de Bonsucesso, o

qual também pode conta com a participação de times de empresas, entretanto que tenham alguma relação comercial ou parentesco com os moradores distritais.

A presença feminina está sempre confirmada, isto porque a exemplo dos primórdios do futebol em Várzea Grande, quando podemos constatar a presença da mulher como torcedora, marcada pela torcida operariana feminina de 1964, as quais marcam presença apoiando a equipe e fazendo a diferença. Em Bonsucesso a mulher foi e é presença fiel e marcante nos campos e mini estádios da atualidade. Experiências de lazer passadas de mães para filhas.

O Distrito de Passagem da Conceição

Um dos mais antigos povoados de Várzea Grande²⁸, inicia sua história em 1813, quando o lavrador e canoeiro Manoel Antonio da Conceição, instalou-se com sua família, tirando seu sustento da lavoura e do transporte na travessia do Rio Cuiabá, o que irá dar nome a localidade distrital de Várzea Grande, criando tradições e no ritmo de vida das famílias que ocuparam aquela porção de terra a margem do histórico Rio Cuiabá. Tantas vezes isto aconteceu que o pedido de passagem no rio com o barco do da Conceição se tornou costume.

Um dia, outro senhor de escravos resolveu aproveitar aquelas terra, à margem direita do rio Cuiabá. Os negros escravizados foram postos na ocupação das áreas lavradas de Passagem, casas senzalas e até um sobrado foram construídos, frente à cachoeira. Assim, Passagem começa sua ascensão, o porto se tornou transito obrigatório.

Os chinelos, produzidos na região eram remetidos para Rosário Oeste, Poconé, Cuiabá, Várzea Grande e Corumbá. A mudança de muitas famílias do ramo comercial e da indústria de chinelo para a vila de Várzea Grande e a enchente de 1942, que fez ruir as casas provocando a mudanças das famílias, causou uma desaceleração em seu desenvolvimento econômico.

Apesar da criação do município de Várzea Grande em 1948, Passagem da Conceição só foi desmembrada de Cuiabá somente em 31 de Julho de 1954, pela Lei Estadual nº 370 daquele mesmo ano. Um fato memorável ocorre em fevereiro de 1950, quando o povo de Passagem da Conceição se revolta contra o ato do prefeito e solicita o prédio que servia de Posto de Fiscalização e Arrecadação para ser outra vez a pousada dos tropeiros que abasteciam a cidade. Hoje Passagem da Conceição é ponto turístico gastronômico, recebendo turista da baixada Cuiabana e de todas as regiões brasileiras, os quais apreciam a sua gastronomia regional a base de peixe.

²⁸ **Fonte:** www.sec.mt.gov.br

O Distrito tem erguido em seu solo um dos cartões postais de Mato



Grosso e Várzea Grande. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a qual voltou a ser contemplada pelos fiéis após passar por recuperação. De importância histórica o edifício religioso, sua restauração, contou com o incentivo do

Programa Estadual de Recuperação e Revitalização do Patrimônio Histórico de Mato Grosso, por meio da secretaria de Estado de Cultura.

Construída com adobe, a Capela apresenta característica do final do século XIX apresenta molduras simples com um estilo Colonial. O Salão de Festa construído mais recentemente e fugiu do modelo antigo da Igreja, mas com a restauração, foi feita uma adaptação para que não ficasse diferente do estilo.

O Patrimônio foi construído no ano de 1910, sob a benção do Arcebispo Dom Aquino Correa, localizado de frente para o Rio Cuiabá em sua margem direita, no Distrito da Passagem da Conceição, neste município de Várzea Grande. A Imagem de Nossa Senhora da Conceição, ainda cultuada na Capela foi uma doação do Coronel Joaquim Corsino, considerado na época, um dos amigos da Passagem. O tombamento como Patrimônio Histórico de Várzea Grande ocorreu em 2001, por iniciativa da própria municipalidade, na valorização e incentivo a manutenção das tradições culturais da religiosidade popular em povoados radicados ainda no século XIX, na barranca do lendário Rio Cuiabá.

Diante das conquistas e considerável crescimento demográfico, o município de Várzea Grande têm no distrito de Passagem da Conceição como uma de suas localidades distritais que não perdem as características de povoados



tranquilo. Neste Século XXI, o Distrito de Passagem da Conceição é reconhecido como lugar calmo, de gente humilde, além de ser um convite para muitas famílias passarem os finais de semana para descansar, sendo um dos belos Cartões Postais Matogrossense

e várzeagrandense .

Em passagem da Conceição as tradições são passada de pai para filho, onde os rituais das festas e o seu ponto mais alto é o dia 08 de Dezembro, quando se celebra o dia da Imaculada conceição, com os festejos organizados com traços herdados dos tempos coloniais e principio do século XX, durante o inicio das tradicionais festas de santos naquela localidade, ficando os eventos festivos sob a orientação dos festeiros do Ano, com títulos de autoridades jurídicas²⁹, como: Juiz, Juíza, Juizinho e Juizinha de Ramallete, Alferes de bandeira, Capitão de Mastro e festeiros de Promessas. Todos se ajudam para que a cada ano as homenagens sejam solidificadas como cultura única no Distrito, como patrimônio histórico de Mato Grosso.

²⁹ Com a colaboração da agradável Senhora **Martha Beatriz Fontes**, residente no Distrito de Passagem da Conceição, em uma construção histórica com arquitetura dos fins do século XIX e Inicio do século XX..

Rio Cuiabá

Lendário caminho das águas, que no século XVII, trouxe a esta região os aventureiros paulistas que buscaram riqueza em terra ainda pertencente à Espanha por força do tratado de Tordesilhas de 1492. Água fonte de vida e do qual por longos anos muitos novos aventureiros tiveram a garantia de alimentos aos seus familiares, buscando o peixe de cada dia, e deste abundante alimento tradicional do ribeirinho levava a alegria pela delícia que o pescado fresco das águas caudalosa do histórico e lendário Rio Cuiabá proporcionará aos visitantes e a garantia de subsistência através dos dividendos turísticos que ao longo de



Barcos ancorados no cais do bairro do Porto, na década de 20

década em sua margem nas comunidades Ribeirinhas de Bonsucesso, Passagem da Conceição, Praia Grande e outras fazendo história e ainda mesmo em agonia de morte, garante a um pequeno número de pescadores profissionais o alimento de cada dia.

A literatura vaga sobre o lendário Rio Cuiabá, e a existência de pensadores de nossa região tem garantido que façamos uma reflexão a cerca de sua importância para a fixação do aventureiro do passado e a solidificação de comunidades históricas que dele por décadas agiram, e gravou na memória dos caboclos a história de gerações que defendiam em suas águas a sobrevivência no labor diário.

Na história da consolidação do território mato-grossense, o rio Cuiabá sempre foi protagonista. De fonte de sustento dos índios paiaguás a principal destino do esgoto de uma cidade com 800 mil habitantes, o velho

rio e sua saga contam três séculos de invasão, conquista, vida e morte. Se não houvesse o Rio Cuiabá, a tentativa de povoar essa região teria resultado em desastre³⁰.

A função histórica do Rio Cuiabá na formação da sociedade matogrossense é secular. Em suas águas os aventureiros paulistas toparam com os exímios índios canoeiros, os Paiaguás, sulcavam suas correntezas com habilidade e força de seus braços, tornaram-se famosos pelos ataques empreendidos contra a ocupação e as moções nesta nossa região.

A navegação fluvial, no princípio feita em pequenos barcos a vela – igarités

- que se movimentavam a remo e bem como impulsionadas pelo vento. Havia outras embarcações de pequeno porte, a remo, como a canoas, canoões, etc.



Exatamente a 10 de março de 1942, a situação no bairro do Porto em 1942
 Enchente de 1942 - Situação das Águas no Bairro do Porto (NEDIHR-UFMT- Jornal o Estado de Mato Grosso – Março de 1974 – por Profº Francisco em Artigo.)

Entretanto o primeiro navio a vapor a tocar as

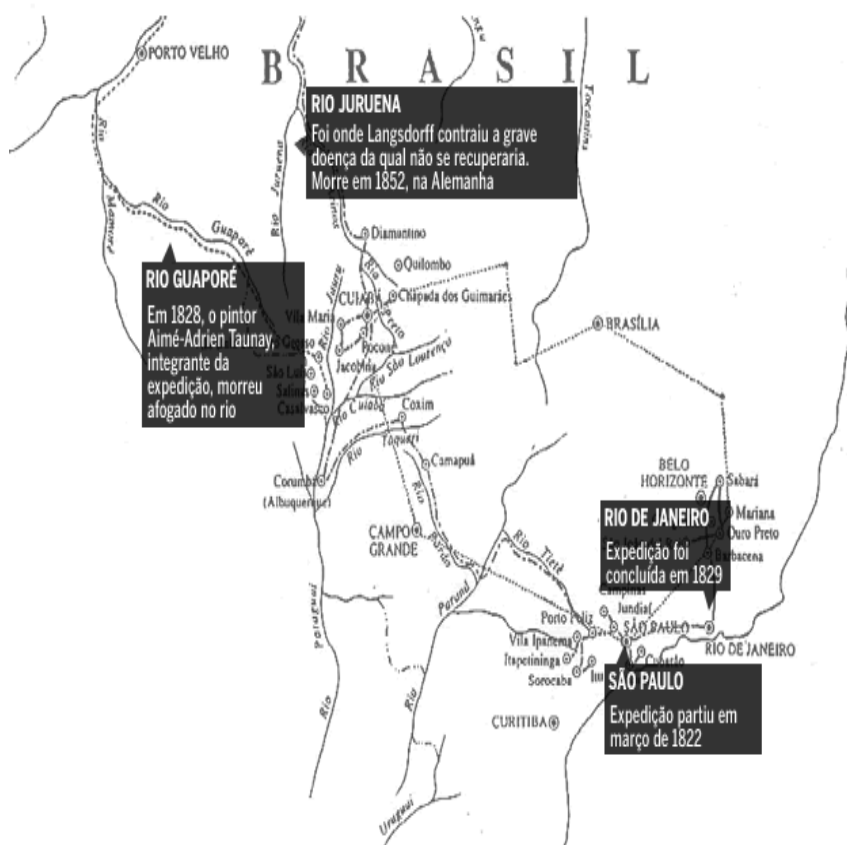
águas cuiabanas e matogrossense, fora o Waterwitch da Marinha Americana, o qual transportava membros da Expedição de Georg Heinrich Von Langsdorff, em 1853 - século XIX -, da qual fez parte o grande desenhista da expedição o francês Hercules Florence, que registrou o cotidiano dos Índios Guanás da Etnia Guanús que habitavam as atuais terra várzeagrãndense.

O Velho Cuiabá, tem em sua ficha histórica a condição de fonte de energia, produzida pelas comunidades ribeirinhas, através da extração do azeite de peixe, importante combustível o qual era usado na iluminação de residências e de

³⁰ História Geral de Mato Grosso – Historiador e Político Profº Lenine de Campos Póvoas.

alguns locais importantes de ruas principais da Capital Cuiabá. Velho e lendário Rio Cuiabá, nome de origem indígena, que em passado não tão longínquo fora caminho que conduziu pessoas de toda a ordem social: autoridades, profissionais, trabalhadores, escravos, comerciantes de todo tipo de produtos como: alimentos importante e indispensáveis na culinária de todos como o Sal e outras variedades alimentares. Nele os aventureiros comerciantes levavam roupas, remédios, rapaduras, açúcar, aguardente, ferramentas etc. Pelas águas do Cuiabá, fora transportado a famosa carne seca manteada em terras várzeagrandense.

Por fim o Rio Cuiabá é fonte de inspiração e tem proporcionado ao imaginário de nossos artistas criações que o consagraram no linguajar cuiabano, elevando e consolidando a cultural matogrossense nos colocando no cenário



nacional em produções regional de grande valor cultural e de estilo único.

O rio que alimentava o caboclo ribeirinho pescador, matava a sede de todos que a ele se dirigia, trouxe-nos por suas águas a modernidade, enfim pelo velho e histórico Rio chegou a Cuiabá. Antiga os grandes avanços tecnológicos que o

Mapa da Expedição Langsdorff - disponíveis na internet e são reproduções dos originais constantes do acervo da Academia de Ciências São Petersburgo

mundo conhecia.

O rio Cuiabá está passando por momentos delicados. Na verdade, críticos. Não porque está envelhecendo. Ele, assim como os demais, não envelhece. Tampouco sofre de "hidropausa". Mas, infelizmente, pode morrer. A morte se dá aos poucos, a conta-gotas. Seu leito, no tocante à largura, já não é mais a mesma e suas correntezas, há muito, perderam as forças de outrora. Até mesmo a quantidade de peixes,

que gerava em suas entranhas, já não é mais a mesma. Por conta disso, não se vê mais o bailado dos peixes no período da piracema. Os cardumes não são tão grandes e o processo de desova muito aquém dos anos áureos. O rumor que fazem atualmente nem se compara com o do passado. Foi-se a época da abundância. O momento agora é de escassez. Até as águas que corriam ontem não são as de hoje. Esvaiu-se o tempo em que a garotada, desafiando os perigos, saltava da ponte Júlio Müller e, numa algazarra só, brincava de "pegador". Os mergulhos eram seqüenciais e sincronizados, arrancando suspiros dos transeuntes e sorrisos dos pescadores. O Cuiabá no tempo das águas, de acordo com dom Antônio Rolim de Moura Tavares, segundo governador da Capitania de Mato Grosso em (referência ao trajeto fluvial do rio abaixo), fazia de uma e outra parte grandes pantanais, e chega a tomar água, que por eles se navega até junto da Vila. Esta há muito, deixou de ser Vila. Transformou-se completamente. Fora toda desnudada. Perdeu seu arcabouço arquitetônico colonial, trocando-o pelo conjunto de concreto armado. Os casarios residenciais de frontaria antiga foram substituídos por prédios modernos. Desapareceram, inclusive, os majestosos casarões que bordavam o Prainha³¹.



Foto: Lauro Papazian – Popular Chau - Ponte “Velha” Julio Mulher - Cheia Década de 70

³¹ Lourebergue Alves é historiador, cientista político, professor da Universidade de Cuiabá e 1º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Artigo de 14/11/2001

A ocupação demográfica desordenada da margem e o errôneo manejo das águas e flora, nas áreas ribeirinhas fizeram com que este Lendário Rio sofresse ao longo dos séculos de dominação e uso de métodos “grosseiros” da pesca chegasse a condições em que se encontra na atualidade, com seu leito totalmente assoreado, chegando a total escassez de seu melhor fruto o peixe, alimento básico de milhares de cidadãos, atividade esta que já não alimenta tradicionais famílias radicada por gerações com início ainda no século XIX, que hoje precisa sair das localidades ribeirinhas para garantir o sustento de sua atual geração, fizeram com que houvesse uma grande redução da lâmina d’água.



Foto: Chau - Lauro Papazian - Cais do Porto - Cheia Década de 70

A degradação causada pelas atividades comerciais em seu leito e em sua margens levou ao extermínio das tradicionais matas ciliares, muitas delas composta de sarãzais hoje sendo replantado em algumas regiões por determinação da justiça ou por iniciativas particulares que uma vez se conscientizados tem lançado mão desta atividades, mas que não responde mais com a abundância de peixe e flora ribeirinha, superar esta realidade é um longo caminho e desafio a ser vencido.

A intervenção humana, tem tornado o Histórico Rio Cuiabá, numa grande canal de esgoto, tendo em vista o volume de esgotamento sanitário que o mesmo recebe diariamente, pela falta de saneamento básico, de que não conta a Capital do Estado e a região Metropolitana a qual inclui-se Várzea Grande.

Como consequência deste uso desordenado e a falta de manejo de suas águas e flora, tornou o rio Cuiabá num inimigo do cidadão ribeirinho e comunidades inteiras que vivendo muito próximo de sua margem, levando ao seu transbordamento em época de muitas chuvas com grande volume de água, que através de seus afluentes invadem ruas e residências, em região com ocupação irregular.



Reprodução: Rio Cuiabá em 2002 disponíveis na internet – Imagem numa posição idêntica a de Lauro Papazian na década de 70

Historicamente, no Rio Cuiabá, a pesca é uma atividade atribuída à população indígena e à população ribeirinha pobre. Desde o século XIX podemos encontrar registros de severas regulamentações disciplinadoras da pesca, que objetivavam domesticar comportamentos, trajetos, maneiras de pescar e de organizar o ambiente em torno do rio, para controlar e impor valores tidos como “civilizados”. Como punição, os pescadores recebiam a prisão – que variava de um a dois meses, dependendo do delito – e/ou pagamento de multa. O controle sobre o uso dos recursos naturais, no Estado de Mato Grosso, não é uma prática recente. Leis, decretos e códigos desde o século XIX já revelam os poderes sobre as atividades pesqueiras dos ribeirinhos, procurando vigiar e controlar o uso de venenos vegetais, de rede de arrasto, de dinamites, de tanques nos quintais para conservar o pescado, entre outras ações. Mesmo assim, esses instrumentos de pesca considerados proibidos continuaram sendo utilizados pelos pescadores³².

³² Verone Cristina da Silva - Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado – GERA/ICHS/UFMT.

Todo o ordenamento jurídico ainda dos tempos coloniais e na atualidade, não fora possível resolver ou minimizar o uso desordenado e sem manejo adequado do lendário Rio Cuiabá. Assim, um dia a natureza se volta contra os maus tratos que lhe são impostos pelo homem e os resultados que sua ocupação e transformações geográficas causam ao meio ambiente. É claro que o ribeirinho tem lá o seu papel nesta história, construíra o seu espaço social no processo de ocupação, pescando e cometendo os seus erros na ânsia de garantir o sustento dos seus, porém o poder público está a décadas ausentes na construção e busca de alternativas que levem a conscientização e dê ao homem simples condições de usar e cuidar para que o rio no morra.

O grande exemplo como resultado das ações da construção do espaço social na ocupação das margens e agressões a da flora e mata ciliar do grande rio, vem das décadas de 40, 70 e 90 do século passado. Tornando-se marcante a de 70, quando em Março de 1974, as águas que dela brotam vidas, invadiu a privacidade dos ribeirinhos e regiões urbanas a margem do Cuiabá.



Foto do acervo particular família de Ataíde Ferreira da Silva Neto – enchente no Rio Cuiabá em 1974 – Avenida Beira Rio. Grande Terceiro – Cuiabá-MT

O marco das consequências, de sua falta de conservação e preocupação com preservação do Cuiabá é março de 1974, o Rio Cuiabá ganhou um grande volume de água que seu leito não suportou, levando a destruição a residências e prédio públicos nas comunidades ribeirinhas e margens habitadas em Cuiabá e Várzea Grande.

Classifico a enchente de 1974, como o dia em que a natureza em 24 horas, volta contra o homem. Onde houve um transbordamento do rio por toda a

região na data de 19 de março “Dia de São José” em que chove muito. As chuvas tiveram grande quantidade durante os meses de janeiro e fevereiro, chegando ao seu ápice no dia 19 março onde houve uma grande inundação. Foi coisa de 24 horas o transbordar do Rio, só parando de chover por volta das 23 horas da noite. A partir deste momento foi que percebeu um momento de estiagem, em que o rio tem o recuo de suas águas. O que se houve era só estrondo de casa caindo. As construções eram todas feitas de pau a pique com reboco de barro. Praticamente a Vila sede de Bonsucesso veio ao chão, o que sobrou fora somente parte das residências existentes³³.

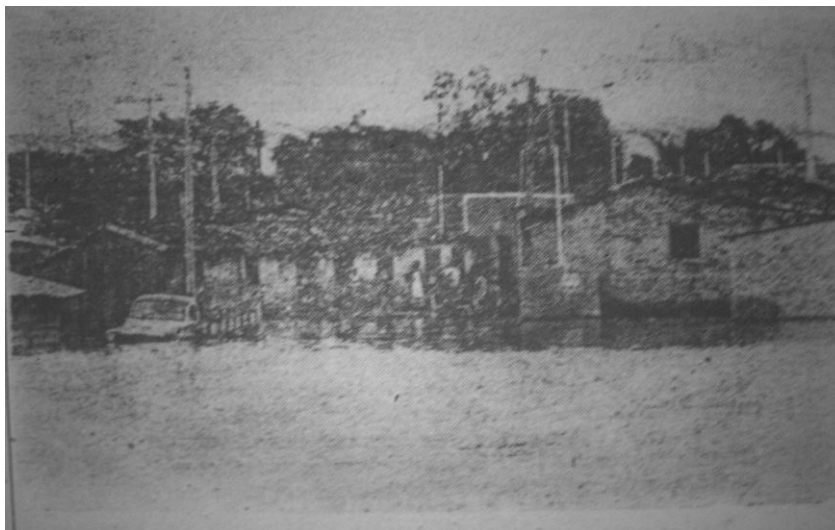
Eu mesmo ia buscar socorro e ajuda da prefeitura, a única saída era enfrentar a nado. Saía daqui com uma matula com roupas seca e quando chegava ali na Capela do Piçarrão o córrego da capela do piçarrão e traira, dependendo das condições e a correnteza muito forte, tinha que esperar baixar e atravessar. Foi um período de uma vida dura, pois só havia um meio de buscar ajuda para as famílias aqui da vila e que tiveram suas casas derrubadas pelas águas. As canoas não serviam para nada, tinha lugar que era só a nado e outros a pé e até chegar a cidade para ajudar no socorro as pessoas. Naquele tempo em que a natureza era fortalecida, todo ano no tempo certo os corgos ficavam cheios, em todo lugar tinha vertente de rios.viviam os corgos e rio estava cheio das chuvas de épocas e a sua riqueza de peixes, porém quando estão cheio de demais é que vem o vomito por estar cheio por demais,e foi o que ocorreu a quantidade de água começam a invadir toda a várzea e a encher as vertentes. O que houve foi um vômito da natureza diante do excesso de água, porém era a garantia que o ribeirinho tinha, por que com as chuvas havia a abundancia de peixe era o pão de cada dia para todos. Em 1974, as águas que tiveram inicio durante em janeiro e fevereiro e que em março no dia de São José foi muito grande o que levou o Rio e vertentes a encher por demais. Toda enchente traz estragos, a de 1942, eu estava com 10 anos, e havia aqui na vila no Maximo 40 famílias na maioria viam das riquezas da rapadura, pois o peixe era mais para comer, pois os preços era muito pouco, então a grande riqueza era os engenho de garapa e rapadura. Toda rapadura tinha destino certo o comercio. Eu vivia uma vida muito boa, era uma diversão todos os dias. Já enchente de 1974 os estrago foram muito mais, pois já havia um maior numero de famílias nesta nossa região ribeirinha. Pouco lugar ficou sem as águas do Cuiabá, nossas casas eram de barro e vieram todas ao chão. Não tinha firmeza e não agüentou da força das águas³⁴.

³³ **Fonte:** Petronilo Gonçalves Silva - Popular Fião – 71 anos.

³⁴ **Fonte:** Joaquim Leite da Roza – Popular Painha 80 anos.

A infraestrutura da margem ribeirinha não possuiu suporte para o grande volume de água. Margem sempre habitada por pescadores e gente simples sem grandes posses, viram por diversas vezes o seu patrimônio indo a Rio Abaixo, no período de grandes cheias, como ocorreu em 1942, 1974 que repete o mesmo ciclo de destruição com maior grau, vindo se repetir em 1995. Os relatos dos antigos moradores e filho desta

região ribeirinhas, acrescentam que em 1942 o número de habitantes das margens era muito pequena, o que contrapõem a destruição e tornando mais marcante a enchente de 1974, dado o grande número de habitante da região e



Já estão esboçado os resquícios que identificam uma situação de calamidade política no bairro do Terceiro. O bairro mais populoso de Cuiabá é transitável praticamente

das novas ocupações nas áreas urbanas, tanto em Cuiabá e Várzea Grande.

A Imprensa local noticiou com grande ênfase, o ocorrido e os resultados que o grande volume de água que o lendário Rio Cuiabá adquiriu durante os meses de janeiro e março de 1974. O respeitado Canal de Comunicação social daquele período era o Jornal o Estado de Mato Grosso, traz em suas páginas riqueza de detalhes e a situação dos desabrigados, empurrados de suas residências no Terceiro em Cuiabá e a região da Alameda em Várzea Grande, atingido as comunidades rurais a margem do Rio.

O prefeito José Villanova Torres dirigiu apelo aos moradores dos bairros do Terceiro e Várzea Ana Poupino no sentido de evitar possíveis atropelos em caso de vazamento total do Rio Cuiabá, já que a chuva que tem caído sobre a Capital está criando certa preocupação. Depois de mostrar-se seriamente apreensivo com a sorte dos moradores dos mencionados bairros, o prefeito municipal declarou já ter tomado providências de urgência para o caso de vir a ocorrer enchente de maior proporção. No entanto com a imprensa local, o chefe do Executivo cuiabano mostrou-se bastante apreensivo e a consequência das chuvas que têm caído diariamente sobre esta Capital. Falando de enchentes anteriores, Villanova Torres lembrou a situação difícil – mesmo calamitosa por que passaram moradores dos mencionados

bairros associados pela cheia do Rio Cuiabá. Enquanto isso, anuncia o prefeito de Cuiabá, a municipalidade já estuda as medidas de urgência que poderão ser tomadas se persistirem as precipitação pluviométricas. No último fim de semana, a umidade do ar, em dados momentos, chegou a alcançar o índice de 69 a 90 por cento, conforme revelou o 9º Distrito de Meteorologia de Cuiabá. Em alguns pontos da cidade as enxurradas atingiram a altura de meio metro. (**Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Chuvas Já Preocupam Villanova - Editora Cuiabá Ltda. 29 de Janeiro de 1974**)



Poucas vezes as águas do Rio Cuiabá chegaram a um nível tão alto. Ontem, até canoa foi utilizada no bairro terceiro, onde os mais velhos olham desolados, pelas experiências passadas, para o constante aumento do volume da inundação. Devido às fortes chuvas que estão caindo nas suas cabeceiras, o rio Cuiabá atingiu ontem um dos seus níveis mais alto, invadindo as margens. Nesta Capital, como sempre, uma das áreas mais atingidas foi o bairro do terceiro. As águas do rio Cuiabá o ponto mais lato da ponte Julio Muller que liga esta Capital com o vizinho município de Várzea Grande. Em alguns pontos a apreensão das populações ribeirinhas chegou ao máximo, com a varias famílias mudando os seus moveis e utensílios para locais mais altos. Ontem mesmo foram registradas algumas famílias desabrigadas e a tendência é piorar a situação, considerando-se que as chuvas continuam caindo com insistência. Durante a tarde choveu nesta Capital, o mesmo acontecendo no período noturno. Caso o nível das águas continue subindo, alguns moradores do bairro terceiro irão se dirigir ao Prefeito José Villanova

Torres solicitando ajuda da Municipalidade. (Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Rio Cuiabá Já Invade as Margens - Editora Cuiabá Ltda. 3 de Março de 1974)



Enquanto as embarcações atracavam próximo à ponte Julio Muller, para desembarcar as suas mercadorias, o Cáis flutuante parava, por falta de condições de operação e as águas avançavam bairro do Terceiro adentro. Desde 1959 o rio Cuiabá não atingiu um nível tão alto como agora. O bairro do Terceiro, a grande vítima das inundações em todas as épocas volta a viver o drama das famílias que se vêem obrigadas a abandonar os seus lares a procura de locais mais seguros. Durante todo o dia de ontem os mais diferentes tipos de carros se aventuravam nas áreas mais alagadas transportando moveis e utensílios. O Grupo Escolar que a Municipalidade construiu no bairro do Terceiro está sendo agora utilizado para abrigar as famílias que tiveram de abandonar as suas residências. Quase todo o bairro esta coberto pelas águas e até mesmo a ponte que o liga com o bairro do Porto estava ontem coberto pelas águas. **Cáis Paralizado** - O moderno Cáis flutuante, um dos raros existente no País, teve que paralizar as suas atividades ontem porque o nível das águas não permite a manobrabilidade necessária para a sua operação. Por esta razão, o desembarque de mercadorias que foram transportadas por várias embarcações que chegaram a Cuiabá foi feito ao lado da ponte Julio Muller, no começo da Avenida XV de novembro, um fato raro na historia de Cuiabá. Enquanto as populações ribeirinhas se deslocam para pontos mais altos abandonando as

suas residências e levando consigo o que podiam. Grande número de populares se concentrava nas imediações da ponte Julio Muller. O movimento de embarcações era inédito e despertava as atenções gerais.

(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Rio Cuiabá sobe Mais: Famílias Desabrigadas - Editora Cuiabá Ltda. 14 de Março de 1974 – Quinta Feira)

A par das medidas preliminares que já haviam sido tomadas pelos poderes constituídos, desde os primeiros momentos em que se verificou, o transbordamento das águas do rio Cuiabá, a Comissão estadual de Defesa Civil, ontem pela manhã reunida no Palácio Alencastro, sob a coordenação da Secretaria do Interior de Justiça e da Casa Militar, adotou todas as providencias destinadas a dar total amparo as famílias localizadas no bairro do Terceiro, do lado da Capital, e os bairros Guarita, Engordador e Bonsucesso, no visinho município de Várzea grande, cujas residências foram atingidas pelas inundações. Além dos diversos órgãos da administração estadual – membros permanentes da Defesa Civil – participaram da reunião as Prefeituras de Cuiabá e Várzea Grande e, como convidados especiais, o 16º Batalhão de Caçadores e a Agencia da Capitania dos portos. **Esquema** - Tendo em vista o decreto 1385, de 6 de fevereiro de 1973, do governo José Fragelli, que criou a Defesa Civil, para ser acionada em situações especiais e em virtude de portaria da Secretaria do Interior e Justiça, datada de 12 do corrente, declarando em estado de emergência toda a zona do Rio Cuiabá, abrangendo a Capital do Estado, o Distrito de Coxipó da ponte e os municípios de Várzea Grande e Santo Antonio de Leverger, em decorrência das inundações a Comissão Estadual de Defesa Civil traçou hoje um esquema geral de ação, tanto de natureza imediatamente prática como preventiva. Assim, foram constituídos os setores de Transporte, a cargo da Casa Militar, Prefeituras de Cuiabá e Várzea Grande, 16º BC e Secretaria de Viação e Obras Publicas, Saúde, Finanças, Alimentação (este sob responsabilidade da Secretaria de Educação, 16º BC e Campanha Nacional da Alimentação Escolar) Instalações, Comunicação, Assistência Social, Segurança, energia e Serviços de Avaliação e Cadastramento. Um levantamento superficial feito ontem revelou que cerca de cem famílias, residentes no bairro do Terceiro, devem estar desabrigadas. A inundação do maior bairro de Cuiabá teve inicio há três dias, mas somente ontem chegou ao seu ponto máximo. Algumas residências, de adobe, ruíram. Outras permanecem em pé, mas são apresentam as mínimas condições de habitabilidade e os seus moradores já as abandonaram. Praticamente todo o arraial está coberto pelas águas do rio Cuiabá e são raras as casas que ainda está sendo habitadas e que não foram atingidas pela inundação. O grupo escolar da

Municipalidade, naquele bairro esta funcionando como um abrigo de emergência. As aulas foram suspensas. Este estabelecimento de ensino municipal, prevendo-se casos de inundação como este atual foi construído em local elevado, constituindo, agora, um dos poucos recursos disponíveis para atender os desabrigados. **Calamidade** - Mesmo sem apresentar as graves conseqüências das inundações de 1942 e 1959, o bairro do Terceiro vive hoje uma autentica calamidade publica. Nem mesmo os ônibus de transporte coletivo se aventuram a atravessar as pequenas pontes de acesso, sobre o canal da Prainha, que deságua no Rio Cuiabá, pois as mesmas estão cobertas. E praticamente impossível a utilização de carros, até mesmo nos locais menos alagados, devido a forte lama existente. O Único meio de transporte é o barco, que esta sendo largamente utilizado. Ontem, depois do desabamento de algumas casas, muitos moradores procuraram transportar os seus moveis e utensílios e nem todos alcançaram êxito com o deslocamento de caminhões de carga para carregar os seus pertences. (Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHEE: Já é Calamidade no Bairro do Terceiro - Editora Cuiabá Ltda. 15 de Março de 1974 - sexta feira)

A agência da Capitania dos Portos, desta Capital, informou ontem que o rio Cuiabá continua subindo tendo atingido às 11 horas da manhã a altura de 9 metros e 40 centímetros. Das 7 horas da quarta feira às 7 horas de ontem o rio subiu 36 centímetros, prevendo-se que suas águas atinjam a altura de 10 metros até a próxima terceira feira dia 19, se persistirem as chuvas na região. **Desabrigados** - Todas as providências necessárias visando o atendimento da população atingida pela enchente do rio Cuiabá já foram tomadas pela Comissão de Defesa Civil. ... Prosseguem os trabalhos de remoção das famílias atingidas, principalmente o bairro do Terceiro, Várzea

Grande e adjacências, para o parque de exposição. Ali já havia alojado 52 famílias, representando um total de aproximadamente 400 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. **Interditada** - Os motoristas que se dirigem a Várzea Grande – segundo orientação transmitida pelas autoridades não devem procurar transpor, o



O barco ainda é valioso

rio pela ponte Julio Muller, e sim pela ponte nova para onde fora desviado o transito. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Enchentes do Cuiabá: Rio Continua Subindo - Editora Cuiabá Ltda. 16 de Março de 1974 - Sábado)**

A secretaria do Interior e Justiça, onde esta montado o comando Geral da Defesa Civil, informou ontem a noite que as águas do Rio Cuiabá atingirão hoje seu ponto máximo, na maior inundação já ocorrida em toda a sua história. Ontem o rio baixou 30 centímetros em Rosário Oeste, onde estava o maior volume de água. Isto representa que o Rio Cuiabá, na altura desta Capital, subirá mais 30 centímetros hoje, chegando ao seu ponto máximo, constituindo fato inédito. Com todas as providências necessárias já foram tomadas, isto não constitui maiores preocupação para as autoridades, que continuam abrigando os flagelados. Ontem à noite, o nível das águas só havia chegado às marca dos 10,50 metros. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: As Águas Chegarão Hoje ao ponto Máximo - Editora Cuiabá Ltda. 17 de Março de 1974 - domingo)**

Todos são unânimes em reconhecer esta enchente como a maior já verificada no Rio Cuiabá. Ontem, às 17 horas, as águas continuavam subindo, tendo atingido a 10,80 metros, superando, assim em 20 centímetros a maior enchente anterior, que foi de 1942, que alcançou 10,57 metros. Simultaneamente, a Capitania dos Portos afirmava ontem ao anoitecer que as previsões estimavam que o nível das águas continuariam subindo até a madrugada de hoje, com um possível declínio a partir das primeiras horas desta terça feira, que podemos marcar o inicio da vazão das atual enchente. Como é natural todas as equipes da Defesa Civil e seus numerosos colaboradores estão totalmente absorvidos nos trabalhos de socorros as familiares e ainda não é possível um levantamento exato do número de flagelados e dos prejuízos causados pela enchente. Sabe-se, todavia que são muitos vultosos. Somente na área de Cuiabá cerca de 2 mil famílias estão desabrigadas, perfazendo um total de aproximadamente 12 mil pessoas agasalhadas na Universidade Federal de Mato Grosso, em estabelecimentos escolares (suspenderam as aulas), na Assembléia Legislativa e outras repartições publicas. ... Várzea Grande que abrigou as primeiras 400 famílias foi invadido pelas águas na madrugada de ontem, obrigando os flagelados serem removidos para a Universidade Federal de Mato Grosso e outros Estabelecimentos de Ensino desta Capital. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Esta foi a maior enchente, mas também a maior mobilização de recursos humanos e materiais já verificada nesta Capital - Editora Cuiabá Ltda - 19 de Março de 1974 - terça feira)**

A Agencia de Cuiabá da Capitania dos Portos de Mato grosso informou ontem à noite que já ocorreu uma queda de 50 centímetros no nível das águas do rio Cuiabá. Acrescentou que o ponto máximo foi por volta das 23 horas de segunda feira para zero hora de ontem quando chegou marca de 10,80 metros. À uma hora da madrugada de ontem o nível já caíra para 10,78, prosseguindo para 10,73 metros às seis horas da manhã, chegando a 10,60 metros ao meio dia de ontem. ... As informações da Agencia da Capitania dos Portos de Mato Grosso dizem que hoje de manhã o nível deverá estar por volta de nove metros ou menos, pois o processo de diminuição do volume de água vem se acelerando nas ultima horas. A partir de hoje este processo deverá ser maior ainda o que vem trazer tranqüilidade para a população das cidades banhadas pelo rio Cuiabá e pelos seus afluentes. Segundo dados levantados pela Coordenação Geral da Defesa Civil, já foi cadastradas em Cuiabá 845 famílias desabrigadas, 1570 em Várzea Grande, 30 em Santo Antonio de Leverger e 20 em Barão de Melgaço. Estas famílias, que estão recebendo completa assistência dos poderes construídos totalizam um número de 12.325 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Não estão computados nesse total as pessoas que se abrigaram em casas de parentes e conhecidos em parte da população de Rosário Oeste e Acorizal, também violentamente castigadas pelas águas. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Esta Caindo o Nível das Águas do Rio Cuiabá - Editora Cuiabá Ltda. 20 de Março de 1974 - Quarta feira)**

Os desabrigados já ocuparam a primeira área, ao sul do Núcleo Habitacional Cidade Verde. A próxima área já escolhida será no CPA - **Os prejuízos** - Os prejuízos decorrentes das enchentes do Rio Cuiabá e seus principais afluentes, segundo o secretario Salomão Amaral, a tingiram indiscriminadamente tanto a zona urbana quanto a rural. Nesta última as perdas agrícolas nos municípios de Rosário Oeste, Acorizal, Várzea Grande, Santo Antonio de Leverger e barão de Melgaço foram avaliados em CR\$13.066.537,00. E afetaram as plantações de milho, arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar, fumo e banana, dentro de uma área cultivada de 10.417 hectares. **Em Cuiabá** – conclui o Coordenador Geral da Defesa Civil no Estrado - na área condenada do bairro Terceiro e adjacências, foram destruídos 809 prédios avaliados em CR\$19.642.222,40. **Ano letivo** - Por outro lado, o professor Salustrio Areias, da Educação e Cultura, informou que ainda não chegou a uma conclusão a respeito do ano letivo em Curso nesta Capital, prejudicado enormemente pelas enchentes, pois os colégios foram improvisados em residências para os desabrigados dos

bairros do Terceiro, Várzea Ana Popina, Barcelos e outros atingidos pela águas do Rio Cuiabá. A lei 5692 de reforma do Ensino, cita que o ano letivo em tem que ser de 180 dias , ou 720 horas. Devido ao problema das enchentes que obrigou o Governo a decretar estado de calamidade publica em Cuiabá e outros municípios afetados, as aulas foram paralisadas, retornando em demasia o seu reinicio. Em contato com o Conselho Estadual de Ensino, para estudarmos as possibilidades de se fazer um redução do ano letivo, o que será muito difícil já que a lei determinando os 180 dia de aula não prevê nenhuma cláusula que possa reduzir o ano letivo. **Desabrigados** - Segundo divulgou a imprensa nacional, o coordenador geral do GEACAP, General Luis Mendes da Silva, recebeu telex do Secretario do Interior e Justiça de Mato Grosso informando que ainda existem 1395 famílias desabrigadas em Cuiabá, em conseqüência das enchentes que caíram na Capital e outros municípios. Destas 815 estão alojadas em postos de atendimentos de emergência. 36 Estão em estabelecimento públicos de ensino, que tiveram suas aulas suspensas. O Secretario enviou uma lista de materiais necessários para alojar as a famílias desabrigadas. (Fonte: NEDIHR/UFMT - **Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Enchentes do Cuiabá: Prejuízos superam CR\$116 milhões - Editora Cuiabá Ltda. 04 de Maio de 1974**)

“Vale ressaltar que a importância histórica do rio Cuiabá para a sociedade mato-grossense e brasileira é secular. Trata-se de um rio que historicamente é representado como fonte de vida e de recursos para a cidade. É o rio que alimenta, que combate a sede da população e ainda, ajuda a amenizar o calor. Portanto, é o rio que banha e purifica a alma e o coração do nosso povo. O rio Cuiabá foi à principal via de comunicação da capital para o centro-sul brasileiro. Onde, no começo de sua ocupação, os bandeirantes paulistas, seguindo a denominada via das monções, saíam de São Paulo e aportavam em Cuiabá. Por esse rio os exímios índios canoieiros, os *Paiaguá* sulcavam as correntezas com agilidade e destreza, tendo ficado famosos, também, pelos ataques que empreendiam as monções. A navegação fluvial, no princípio, era feita em pequenos barcos à vela (Igarités), que eram tocadas ora a remo ora impulsionadas pelo vento; desciam o rio com seus passageiros, famílias inteiras e suas bagagens. Havia ainda, outros barcos menores, só a remo, como as canoas, canoões, pranchas, chalanas. Contudo, o primeiro navio a vapor que adentrou águas-mato-grossenses foi o *Waterwitch*, da marinha norte - americana, em 1853. O rio Cuiabá serviu também, para a produção de energia, ou seja, as comunidades ribeirinhas dedicavam-se à extração do azeite de peixe, combustível necessário à iluminação das residências e de alguns poucos pontos de ruas principais da capital. O *rio abaixo* e o *rio acima* atendia a toda a comunidade cuiabana, às comunidades ribeirinhas, aos embarques e desembarques de pessoas, autoridades, profissionais liberais, trabalhadores, escravos, máquinas, comerciantes, roupas, remédios, rapadura, açúcar, água-ardente, ferramentas, além de alimentos variados como o sal, indispensável ao bem-estar da população. Além disso, o rio Cuiabá serviu e serve como fonte cultural para a população mato-

grossense. Contudo, o rio ainda trouxe a modernidade ao território do extremo oeste como as máquinas a vapor, a imprensa, o telégrafo, os maquinários das usinas, pianos, grupos culturais, encanamento de água e a luz elétrica. Enfim, pelo rio chegou a Cuiabá Antiga grande parte dos avanços que o mundo já conhecia³⁵.

“Um País sem memória não é apenas um país sem passado. É um país sem futuro”.

Rui Barbosa

³⁵ **Fonte:** Texto da Equipe do NDIHR/UFMT – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional / Universidade Federal de Mato Grosso. Pagina: http://www.ufmt.br/servicos/evento/even_exp_on_line_comemor_dos%20288_aos_de_cuiaba_NDIHR_Ascom_CPD.htm#RIO_CUIABÁ:

Definindo Siglas e Termos

- Aborígenes:** **População** nativa australiana. Têm a pele negra, como os negros africanos, embora se diferenciem destes por diversos outros traços físicos. Termo também utilizado para classificar as populações nativas que habitavam o Brasil colonial, embora os nativos das Américas tenham cultura e tipo de pele bem diferente dos nativos australianos.
- Adobes:** **Um tipo** de tijolo de terra crua, que é excelente isolante térmico e acústico; Muito utilizado nas construções do século XIX e princípio do Século XX.
- Audazes:** **Que tem** audácia; ousado, atrevido, destemido.
- Braça:** **Medida** usada pelos antigos para definir o tamanho de sua propriedade – corresponde na atualidade, entre um e dois metros cada braça. Dependendo do tamanho dos braços do cidadão que ia medir: extremidade de uma mão a outra, de um cidadão com os braços abertos.
- Capitania:** **Era o nome** que denominava as regiões autônomas do reino. Ex: Mato Grosso já se chamou Capitania do Mato Grosso.
- Carta Régia:** **Era um** documento Oficial com a assinatura ou chancela do Rei, o qual era uma Carta Real, isto é Carta Régia. Na atualidade equipara-se a uma publicação em Diário Oficial dos atos do Governante tanto nacional quanto estadual ou municipal. Torna-se uma determinação que devem ser cumprida por todos os cidadãos daquele território sob o governo local.
- Cururu e Siriri:** **Concebido** como dança de roda e em pares. **O Cururu e o Siriri** são duas manifestações culturais das regiões pantaneiras de Mato Grosso do Sul e Mato-Grosso, sendo este último detentor da maior quantidade de ativistas desta manifestação tradicional de cântico e dança. Hereditário, o Cururu e Siriri, ainda de predominância familiar, é um misto de elementos africanos, europeus (Espanha e Portugal) e indígenas que ecoam a

religiosidade e a brincadeira.

IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.
Igaritês:	Pequena embarcação movida a vento e a remo.
Lavras:	Minas de ouro.
NDIHR:	Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional.
Palustre:	Que vive ou cresce nos pântanos ou brejos.
Pinça:	Movimento de Pinça , estratégia militar em que os grupamentos e tropas militares ataca o inimigo por pontos pré-definidos em que não dá chance de defesa alguma, quando o ataque é funilado pelo avanço dos militares, obrigando a rendição do inimigo.
Quinhão:	A parte que cabe a cada um na herança - resultante da repartição de um todo herdado.
Ravina:	Sulcos produzidos nos terrenos, devido ao trabalho erosivo das águas de escoamento. Pequenas incisões feitas na superfície do solo quando a água de escoamento superficial passa a se encontrar e produzir pequenos regos.
Reses:	Qualquer quadrúpede que serve para alimento do homem. Os bovinos (todas as espécies de gado).
Rio Abaixo:	Fazendo referência ao atual Município de Santo Antonio de Leverger.
Sesmaria:	Uma área de terra, que o Rei concedia a um nobre ou alguém importante para o reino, dentro de seus domínios.
Taipa:	É o barro armado com madeira. Consiste numa estrutura de ripas de madeira ou bambu, formando um gradeamento, que formam as paredes de uma casa, cujos vazios são preenchidos com barro amassado.
UFMT:	Universidade Federal de Mato Grosso
Varanda:	Bordado que é colocado como beiral de uma rede de dormir, peça que é tecida separadamente da rede.
Vau:	O trecho de um rio , lago, mar com profundidade suficientemente rasa para passar a pé, a cavalo ou com um veículo.
Viola de Cocho:	A viola de cocho , encontrada no pantanal do Mato Grosso, recebe este nome porque é confeccionada em um tronco de

madeira inteiriço, esculpido no formato de uma viola e escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Nesse "cocho" é afixado um tampo e as partes que caracterizam o instrumento, como o cavalete, o espelho (escala), o rastilho e as cravelhas.

Referencias e Fontes Orais

FORTES, Delmira Gonçalves - Popular Dona Buguela – 72 anos – nascida em 25 de Novembro de 1938. Residente no Distrito de Bonsucesso.

FONTES, Martha Beatriz – Distrito de Passagem da Conceição.

MIRANDA, Teonila Gonçalves de - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933. Residente no Distrito de Bonsucesso.

SILVA, Petronilo Gonçalves da – Popular São Fião – 70 anos – nasceu em 31 de março 1940 – Residente no Distrito de Bonsucesso.

SILVA, Honorata Magalhães Ribeiro da - Popularmente Dona Sinharinha – nasceu em Bonsucesso em 22 de dezembro de 1935. In memória desde 1º de Maio de 2009.

ROSA, Belmiro Leite da – Popular São Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – Residente no Distrito de Bonsucesso.

ROSA, Gonçalina Barros da – 77 anos nascida em 10 de janeiro de 1934 – em Várzea Grande – criada em Cuiabá, morava no bairro duque de Caxias – Esposa do Senhor Painha.

ROZA, Joaquim Leite da - Popular São Painha – 80 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso. Rosa escrito com “Z”. Certidão de Nascimento - Residente no Distrito de Bonsucesso.

Referencias Bibliografia

ASSIS, Lucenir Roque de. A Religiosidade de Bom Sucesso: Festa de São Pedro de 1996-20002 – Monografia de Graduação em História – UFMT – Cuiabá – 2002.

BENEVIDES, Louredir Rodrigues. COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO CUIABÁ – Comunidade de Bonsucesso, Várzea Grande, Mato Grosso – Monografia de Pós-Graduação em Geografia - UFMT – Cuiabá – 2000.

BRITANICA Enciclopédia do Brasil. Busca de informação sobre definição de termos e topônimos. Edição Eletrônica – Rio de Janeiro - 1999.

BARBEIRO, Heródoto e **SCHNEEBERGER**, Carlos Alberto. História de Olho no Mundo do Trabalho – volume Único, São Paulo: Scipione, 2004.

CAMPOS, Fundação Júlio. Revista Mato Grosso de História; Projeto Memória Viva – Várzea Grande – 1991.

FERREIRA, João Carlos Vicente & Silva, Pe. José de Moura e: Cidades de Mato Grosso – Origem e Significado de seus nomes – Editora Buriti – Cuiabá – 1998.

_____. Mato Grosso e seus Municípios. Secretaria de Estado de Educação,

FONSECA, Dayz Peixoto. O Viajante Hércules Florence: águas, Guanás e guaranás. Campinas: Pontes, 2008.

MONTEIRO, Ubaldo - VÁRZEA GRANDE passado e presente confrontos – 1867-1987 – Cuiabá-Mt. Editora: Policromos Editora Gráfica - P 17.

MOURA, Glória. A força dos tambores: a festa nos quilombos contemporâneos. In: **SHWARCZ**, Lilia Moritz; **REIS**, Letícia Vidor de Souza (Org.) .Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: Estação Ciência , 1996. P. 55 – 80.

_____. As Festas Quilombolas e a construção da Identidade in: **DOPCKE**, Wolfgang. Crises e Reconstruções: estudos afro - brasileiros africanos e asiáticos. Brasília: Linhas Gráficas, 1998.

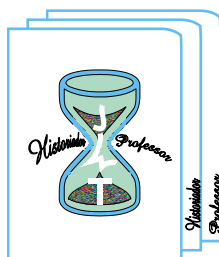
NDIHR/UFMT, Jornal O Estado de Mato Grosso - Editora Cuiabá Ltda. Cuiabá, 1974.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997.

SCHMIDT, Mario Furley – Nova História Critica – São Paulo – ed. Nova Geração – 1999. p 106.

SATUNINO, Beatriz - Do Tempo da Pesca com a Mão – Jornal Folha do Estado – Domingo 07 de Março de 2004 - p. 11.

O Autor



José Wilson Tavares - Nascido em Sapopema Estado do Paraná, em 09 de Janeiro de 1964 - Filho de Homero da Silva Tavares e dona Maria Cristina de Jesus – família radicada em Mato Grosso na grande Cáceres – no Vale do Jauru, desde 17 de fevereiro de 1977 – na década de 1980 – foi Estudante do Seminário Redentorista São José; Mantido pela Congregação do Santíssimo Redentor em Goiânia – Goiás - Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, com a Tese de Graduação versando em: Inventário da Legislação Básico de Saúde – Mato Grosso, 1965 – 1985 – Trabalho apresentado em Comunicação Oral no V Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Maputo – Moçambique (África) em Setembro de 1998 – Defesa Pública – Outubro de 1998 em Banca no Departamento de História da UFMT – Obtendo o Título de Historiador - Pós-graduado em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Cândido Mendes – Com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A Educação de Jovens e Adultos à Luz da Legislação – Resolução 137/1991-180/2000 - CEE-MT – com Defesa pública em Banca - Abril de 2003. Pós-graduado em Gestão Escolar - Pela Escola de Gestores - Universidade Federal de Mato Grosso – com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Desempenho Acadêmico de Alunos em Distorção Idade Série – com Defesa Publica em Dezembro 2010. Docente do Sistema Estadual de Ensino desde 1990. Eleito Coordenador Pedagógico, pela comunidade docente no biênio 1996/1997 e diretor nos biênios de: 1998/1999 e 2000/2001 da Escola Estadual de Educação Básica Profª “Emilia Fernandes de Figueiredo”. No sistema Municipal de Ensino de Várzea Grande, com lotação em 1999 – sendo eleito diretor da Escola Municipal de Educação Básica Profª. Maria Barbosa Martins- Várzea Grande - Distrito de Bonsucesso - Estado de Mato Grosso para o triênio 2002/2004 e 2008/2011 e reeleito para o triênio 2011/2013. Em Pleno Exercício no Magistério Público desde a década de 90 do século passado.